

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM – SP: OUTROS  
OLHARES.

Cristina Silva da Mata

Campinas - 2004.



CRISTINA SILVA DA MATA

UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM – SP: OUTROS  
OLHARES.

Trabalho de monografia exigido como  
requisito parcial para conclusão do  
curso de Licenciatura em Educação  
Física.

Campinas - 2004.

A handwritten signature in black ink, consisting of several fluid, overlapping loops and lines.

## SUMÁRIO

	Página
I – RESUMO .....	4
II – ABSTRACT .....	5
III - INTRODUÇÃO .....	6
IV - JUSTIFICATIVA .....	8
CAPÍTULO 1 - O OLHAR DOS OUTROS .....	9
CAPÍTULO 2 - O NOVO OLHAR DA FEBEM .....	15
CAPÍTULO 3 - A VISÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA .....	20
CAPÍTULO 4 – A VISÃO DE QUEM TRABALHA COM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM .....	25
4. a – AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA .....	27
4. b - PÚBLICO ALVO .....	28
4. c – RECURSOS MATERIAIS.....	28
4. d – RECURSOS INSTITUCIONAIS.....	29
4. e – RECURSOS FINANCEIROS.....	29
4. f – CRONOGRAMA.....	30
4. g - AVALIAÇÃO.....	30
4. h – A PRÁTICA NO DIA A DIA.....	31
CONCLUSÕES FINAIS.....	42
BIBLIOGRAFIA.....	46
ANEXOS I – O PPA da FEBEM e RELATÓRIO DO II CAMPEONATO DE XADREZ.....	50
ANEXOS II	51

## I – RESUMO

Através de pesquisa bibliográfica e relato de experiência, o presente trabalho descreve visões de diversos setores sobre a FEBEM, órgão que abriga adolescentes em conflito com a lei, e cumpre com as determinações do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no que diz respeito aos direitos e deveres do Estado em cuidar desse público. Em específico, o trabalho refere-se ao Internato Jequitibá – Campinas, unidade da FEBEM onde a pesquisadora atua como funcionária, com o cargo intitulado de Analista Técnico – Professor de Educação Física.

No primeiro capítulo, “O Olhar dos Outros” traz as concepções de escritores de jornais e estudiosos sobre as funções da FEBEM, os preconceitos da sociedade que marginalizam ainda mais esses adolescentes, e a utilização da Educação Física como paliativo para conter os internos na instituição.

O segundo capítulo, “O Novo Olhar da FEBEM”, descreve um plano traçado pela instituição para humanizar o atendimento ao adolescente, com entrevistas e definição de metas para a realização de sonhos e resolução de problemas do cotidiano dos internos, colocando a disposição recursos e esforços dos profissionais que possui para concretizar soluções.

Na “A Visão da Educação Física”, do capítulo 3, apresenta alguns trabalhos realizados por pesquisadores de Educação Física, trazendo propostas e concepções de uma aula de Educação Física mais adequada para instituições como a FEBEM.

E o último capítulo, “A Visão de Quem Trabalha com Educação Física na FEBEM”, traz um relato de um ano de vivência da pesquisadora como profissional contratado pela instituição para dar atividades físicas aos adolescentes infratores, onde são apresentadas a dinâmica de trabalho do Internato Jequitibá, o planejamento de atividades, a estrutura física do local, problemas, onde alguns fatos vão de acordo com as visões apontadas nos capítulos anteriores, e outros não.

## II – ABSTRACT

Through bibliographical research and report of experience, the present work describes visions of several sections on FEBEM, organ that shelters adolescents in conflict with the law, and it executes the determinations of the Child and Adolescent's Statute (ECA) in what it concerns the rights and duties of the State in taking care of that public. In specific, the work refers to the Internato Jequitibá - Campinas, unit of FEBEM where the researcher acts as employee, with entitled position Technical Analyst - physical education teacher.

In the first chapter, "The Glance of the Others" bring the conceptions of the newspapers' writers and specialists about the functions of FEBEM, the prejudices of the society that still marginalize more those adolescents, and the use of the physical education as palliative to contain the interns in the institution.

The second chapter, "The New Glance of FEBEM", describes a plan drawn by the institution to humanize the service to the adolescent, with interviews and definition of goals for the accomplishment of dreams and resolution of problems of the daily of the interns, putting the disposition resources and the professionals' efforts that it possesses to render solutions.

In the "The Vision of the Physical Education", of the chapter 3, presents some works accomplished by physical education researchers, bringing proposed and conceptions of a class more appropriate physical education for institutions as FEBEM.

And the last chapter, the "Vision of Who Works with Physical Education in FEBEM", brings a report of one year of the researcher's existence as contracted professional for the institution to give physical activities to the adolescents offenders, where they are presented the dynamics of work of the Internato Jequitibá, the planning of activities, the physical structure of the place, problems, where some facts are going in agreement with the pointed visions in the chapters previous, and other no.

### III - INTRODUÇÃO

Em atuação como professora de Educação Física (cargo denominado Analista Técnico/Educação Física) há mais de 4 anos no Internato Jequitibá - Campinas, uma unidade na Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM-SP), pude ouvir a opinião das pessoas de fora deste contexto, em comparação com a experiência que ainda adquire com os adolescentes que cumprem a medida sócio-educativa de internação.

Apesar do aspecto bastante peculiar da FEBEM, este órgão procura trabalhar uma nova forma de tratamento aos seus internos, com o Projeto “Novo Olhar”, buscando centralizar o atendimento ao adolescente, retirando o foco na infração cometida pelo mesmo, vindo de encontro com as determinações do ECA (São Paulo, 1997) artigos: 90, 92, 94, 108, 121, 122, 123, 124 125. Para tanto, a maioria das unidades estão adotando o Plano Personalizado de Atendimento (PPA) que consiste em dividir os adolescentes em grupos menores sob a orientação de um Analista Técnico, servindo este como ‘funcionário referência’ para suprir suas necessidades, identificando-as através de questionários, fichas de acompanhamento e observação do adolescente durante as atividades, e sendo analisado por uma “equipe de referência” formada por Agentes de Apoio Técnico (responsáveis pela segurança), uma Assistente Social e/ou uma Psicóloga, e Coordenadores de Turno (responsáveis pelos Agentes de Apoio Técnico) e Coordenadora Pedagógica (responsável pelas Analistas Técnicas). Estas necessidades vão desde potencializar suas qualidades e habilidades positivas suprimidas pela baixa auto-estima, necessidade de uma ocupação (devido à abstinência de drogas, ou para procurar alternativas como, por exemplo, pintar), atendimento médico odontológico, problemas familiares que poderiam ser orientados, entre outras.

Juntamente com o PPA, este projeto propõe uma Educação Física adaptada à realidade desses adolescentes, contribuindo para melhora da auto-estima através da motricidade, realizada durante o ano de 2004, e relatar o molde da atual Educação Física praticada.

Não é pretensão deste trabalho observar ou apontar os fatores psicológicos e sociais que levaram estes adolescentes a cometer infrações, nem tampouco discutir políticas públicas para prevenção da delinqüência, mesmo sendo este fator o que julgo ser o agente causador do problema da criminalidade em crianças e adolescentes, que por ventura culmina com a internação numa unidade da FEBEM. Também não se pretende discutir problemas relativos a situações conflitantes que porventura ocorrem em unidades da FEBEM. As observações nestes assuntos serão feitas somente para explicar situações pertinentes à prática de Educação Física Escolar, quando necessário.

#### IV - JUSTIFICATIVA

Com a introdução da FEBEM na Secretaria da Educação, juntamente com a rede de Ensino, entende-se que houve uma visão de que a educação é uma ótima alternativa para a recuperação desses adolescentes, recuperação de auto-estima, recuperação de valores de convivência (respeito ao próximo, respeito ao seu próprio corpo), etc. Infelizmente, na FEBEM as mudanças são grandes e constantes, e a Fundação está agora na Secretaria de Segurança Pública, dividindo recursos e burocracias com o sistema judiciário.

A Educação Física faz a sua contribuição quando coloca para estes adolescentes a educação através do corpo, enfatizando a cultura, esportes, jogos recreativos e pré-esportivos, dança, luta e ginástica. Mais do que “ocupar o tempo ocioso” ou “acalmar” os adolescentes, na visão de alguns funcionários da própria instituição, estes conteúdos de Educação Física possuem em comum a representação corporal, presente nas pessoas que interagem e se movimentam como sujeitos sociais e como cidadãos, expressando sentimentos, afetos e emoções, dar acesso a conhecimentos práticos e conceituais, desenvolvendo suas potencialidades de forma democrática e não seletiva (PCN, 1997).

O objetivo deste trabalho é relatar a prática de Educação Física na FEBEM com a aplicação do Novo Olhar, através de observação de campo e análise dos questionários do PPA (Plano Personalizado de Atendimento), a ser implantado no ano de 2004.

## Capítulo 1

### O OLHAR DOS OUTROS

## O OLHAR DOS OUTROS

O “menor” infrator era visto como uma ameaça social, e o atendimento público tem o objetivo de corrigi-lo, regenera-lo e devolve-lo à sociedade sem vestígios de periculosidade e maus costumes. Por isso criou-se a FUNABEM (Fundação Nacional do Bem Estar do Menor), órgão nacional, e suas congêneres estaduais, a FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), no início com enfoque assistencialista, vendo a criança e o adolescente como carentes, tendo atualmente o papel de contenção do adolescente autor de ato infracional num sistema de segurança eficaz, garantindo o cumprimento de medida sócio-educativa através de atividades pedagógicas. Estas instituições procuram cumprir com o artigo 125 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1997), que atribui ao Estado a função de “velar pela integridade física e mental dos internos”, além de ter a gestão da unidade para o cumprimento de privação de liberdade, não podendo transferir essa responsabilidade a outras instituições ou entidades privadas. (MONTEIRO, 1995 ; VOLPI, 2002)

Este termo “menor”, conforme VOLPI (2002) nos esclarece, são formas pejorativas e preconceituosas de identificar o adolescente infrator, e este preconceito chega até promotores e juízes da Infância que utilizam antigas categorias como a “vadiagem”, “perambulação”, como motivos para a privação de liberdade, termos que não possuem respaldo no Código Penal. Estas definições tentam encontrar explicações simplistas para criminalizar a pobreza, principalmente os pobres de raça negra. A sociedade até se sensibiliza com questões que vitimizam crianças e adolescentes (maus-tratos, exploração sexual e do trabalho infantil, adoções irregulares, desaparecimentos, etc), mas se tratando de adolescentes infratores, que também são vítimas de uma sociedade desigual e exclusivista, esta sensibilidade desaparece e os mesmos são desqualificados como adolescentes,

precisando afasta-los do convívio social, “recupera-los para depois reincerí-los”.

A exclusão social da criança e do adolescente não é produzida pela sua família, mas por um modo de produção perverso e pela desigualdade social. Numa família com baixa renda, muitas chefiadas apenas pela mãe, e com baixa escolaridade, resulta em milhares de pessoas em condições de maus tratos, cometendo delitos, complementando o sustento da casa, abatidos pela doença e pela delinqüência. (MONTEIRO, 1995)

É necessário acrescentar a este pensamento de VOLPI e MONTEIRO um dado significativo, o de que não só a juventude de classe pobre está cometendo crimes, mas também jovens de classe média e poucos da classe alta, devido ao consumo e/ou tráfico de drogas, e problemas psicológicos causando atitudes anti-sociais - (a morte do índio Galdino por rapazes de classe alta (CorreioWeb, 2004 <sup>1</sup>; Tempo:Real, 10/11/2001), e a jovem Suzane que matou os pais para ter a herança e o namoro com outro jovem que participou do crime, conhecido como o assassinato do casal Richthofen (FolhaOnLine<sup>2</sup>, 08/11/2002 ; Estadão<sup>3</sup>, 02/10/2003). Também observamos esse fato dentro das unidades, com o ingresso cada vez maior de filhos de pais autônomos, executivos, ou profissionais liberais, que aparentemente não possuem dificuldades financeiras, e não são de raça negra.

FOUCAULT (apud VOLPI, 2002) denomina “infrator” aquele que infringiu normas jurídicas, e “delinqüente” como a condição que o sistema submete o indivíduo, estigmatizando-o e controlando-o formal ou informalmente, mesmo após ter cumprido a sua pena. Ou melhor dito, que “ser infrator é ocasional e ser delinqüente é habitual”. Esta definição não nega a existência de problemas sociais graves, mas percebe a problemática social sob outros ângulos.

---

<sup>1</sup> <http://www.noticias.correioweg.com.br/ultimas.htm?codigo=2623760>

<sup>2</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u62501.shtml>

A sociedade participa na estruturação da personalidade do indivíduo. Assim se transmite a personalidade no corpo através de valores, significados e princípios culturais e sociais, então atuar no corpo implica atuar na sociedade na qual este se insere. É preciso desmistificá-lo, ter o cuidado de não negá-lo, mas recuperar as condições e relações em que os signos sociais se realizam, ou seja, sua corporeidade. Na corporeidade disciplinada, o corpo é a parte menos digna do ser humano, sendo preciso “sacrificá-lo” em função dos ideais humanos. A disciplina do corpo visa não só o aumento de suas habilidades, mas a relação que o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. Essa disciplina do corpo permanece até hoje, principalmente em instituições como quartéis, prisões, escolas, internatos e outros. (MONTEIRO, 1995)

MONTEIRO (1995) ainda caracteriza uma unidade da FEBEM como uma instituição total, criada para proteger a comunidade de perigos intencionais, assim como as cadeias, penitenciárias, etc. Nestas instituições totais, as atividades são realizadas no mesmo espaço, onde a disciplina é imposta por um grupo de funcionários, marcando a mutilação do eu, e funcionando como um instrumento do Estado a serviço da classe dominante. No pensamento de MONTEIRO (1995), a FEBEM retira o caráter assistencialista para vitimar o adolescente infrator de um fenômeno social problemático (dissolução da família, irresponsabilidade dos pais, subnutrição, analfabetismo, violência, etc). A contradição vem no fato de se o adolescente é vítima de uma sociedade de consumo, desumana, então há que ser tratado, e não punido.

A FEBEM reproduz esse modelo de dominação das cadeias e penitenciárias, com ações na manifestação da marginalidade e não na sua

---

<sup>3</sup> [ht://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/out/02/174.htm](http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2003/out/02/174.htm)

causa, pois essas causas são frutos de más políticas públicas e sociais (MONTEIRO, 1995). Quando esta instituição reforça o atendimento não individualizado, massificado, atentando ao controle disciplinar em detrimento das necessidades afetivas, a proibição de obter objetos pessoais, ausência de espaços individuais, isolamento da comunidade, está impedindo o desenvolvimento da individualidade no adolescente, de sua segurança afetiva e sua auto-estima. O lúdico, vital para o seu desenvolvimento, pois através do brincar a criança expressa e resolve conflitos, é negligenciado e reprimido, a preocupação com o tempo ocioso, procurando ocupa-lo inteiramente. A ressocialização nesse sistema é a adaptação passiva e conformada da criança ou adolescente à sua realidade.

A implantação de projetos que reverta este quadro apontado por MONTEIRO (1995), é a tentativa da FEBEM com o projeto “Novo Olhar”, detalhado no capítulo seguinte.

Para MONTEIRO (1995), o ECA (São Paulo, 1997) não foi assimilado porque os profissionais não possuem qualificação adequada para lidar com essa clientela, pois o adolescentes em privação de liberdade necessitam de embasamento dos profissionais em questões como o consumo de drogas, infração, delinquência juvenil, e também corporeidade, afinal todas as experiências destes adolescentes foram adquiridas corporalmente, seja na vida das ruas como em outras instituições.

VIOLANTE (apud MONTEIRO, 1995) discursa que o objetivo da Educação Física nas unidades da FEBEM é contribuir para um “melhor ajustamento e aceitação da unidade pelo educando”, sendo esta situação uma reprodução da ordem estabelecida através da disciplina corporal.

Esta mutilação do eu, passa também pelo atual problema de superlotação de cerca de 25,6% da FEBEM em São Paulo, prejudicando o desenvolvimento de atividades que poderiam amenizar o problema dentro das unidades (Folha SP, 17/08/03, pág. C1). Complementando este tema,

ênfatizando a disciplina corporal, destacam-se as denúncias dos Direitos Humanos sobre maus-tratos aos internos, sendo este o motivo de não haver rebeliões (Folha SP, 04/12/02, pág. C6), e criando constrangimento diplomático para o Brasil, com essas denúncias sendo investigadas pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA(Organização dos Estados Americanos) e pelo Comitê contra a Tortura da ONU (Organização das Nações Unidas) – (Folha SP, 02/11/02, pág. C7). Em resposta, a FEBEM coloca que as visitas de inspeção foram realizadas em unidades desativadas, e que a Fundação passa por transformações como a construção de pequenas unidades descentralizadas e regionalizadas, como determina o ECA (Folha SP, 06/11/02, pág. A3).

Outro fato que pode comprovar a teoria de VOLPI, sobre a desqualificação do adolescente infrator como “sujeito em situação peculiar de desenvolvimento”, de acordo com o ECA, e também a massificação do eu, são os problemas de higiene detectados pela Vigilância Sanitária do Ministério Público, onde constatou o uso coletivo de sabonetes, escovas de dente, estado de deterioração dos quartos, na unidade de Parelheiros, em São Paulo (Folha SP, 01/05/02, pág. C4).

Mais uma prova de que a sociedade é desigual e exclusivista, são as atuais discussões sobre a redução da maioridade penal de 18 para 16 anos, alegando que “as leis são muito brandas, e muitos adolescentes sabem o que estão fazendo”(Folha SP, 13/11/03 e 14/11/03).

## Capítulo 2

### O NOVO OLHAR DA FEBEM

## O NOVO OLHAR DA FEBEM

A Fundação Estadual do Bem Estar do Menor (FEBEM – SP), procurando se adequar a Seção VII do ECA (São Paulo, 1997) – da “Internação”, mais especificamente os artigos 121 ao 125, dentre estes, em especial o artigo 124 que versa sobre os direitos do adolescente privado de liberdade, através do projeto “Novo Olhar” (vide Anexos), procura retirar o enfoque infracional (o que levou aquele adolescente para a internação) para buscar o adolescente, como sujeito de direitos e pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, baseado na obra “Educação como prática de liberdade” de Paulo Freire(1996).

Isto implica numa ação pedagógica que respeite as singularidades e garanta um atendimento personalizado, através de um acompanhamento direto da vida social deste adolescente, criando como instrumento o Plano Personalizado de Atendimento (PPA) que são questionários periodicamente aplicados e fichas de observação, buscando o relacionamento entre o adolescente, os funcionários, e a família durante atividades do Internato e também fora dele, aprofundando os conhecimentos relativos às suas perspectivas presentes e futuras, sua auto-imagem, sua auto-estima, apontando que intervenções são necessárias para dar suporte à sua vida pregressa. A construção do PPA se faz necessária a partir do momento em que conhecendo o adolescente, poderemos proporcionar condições de auto-conhecimento.

Os dados obtidos no PPA são os indicadores que deverão nortear os pontos onde serão traçados as metas e os passos a serem percorridos pelo educando, incluindo todos os aspectos a serem trabalhados no período de internação, bem como as providências a serem tomadas e os caminhos a serem percorridos para o alcance das metas propostas, como: físicos (aparência física), saúde, hábitos, educação formal (metas e expectativas),

trabalho (experiências no mundo, oficinas e cursos disponíveis), esporte, cultura, lazer, relação familiar, relações afetivas e sociais (relações em sua vida e o espaço que ocupam), relações com a sociedade mais ampla (aspectos da cidadania e participação na comunidade).

As metas referem-se ao alcance de condições, de situações e de ações concretas que possam ser observadas, sentidas, medidas e avaliadas em seus resultados. Neste momento delinea-se junto com o adolescente o que deve ser adquirido, alterado, mantido, aperfeiçoado e suprimido durante o período de internação, importando com os ideais, os desejos, as expectativas do mesmo que passem pelo crivo da razão e da racionalidade, para serem transformadas em metas a serem atingidas em curto, médio e longo prazo.

A participação dos educadores neste processo deve sempre visar a capacitação do adolescente para determinar, ele próprio, as metas que pretende alcançar, facilitando este processo, ajudando o adolescente a discernir o que poderá ser desenvolvido durante o período de internação na unidade e o que pode ser desencadeado no momento para prosseguimento após a desinternação. Este plano é firmado pelo adolescente partindo de um compromisso interno, e não imposto pelos profissionais da unidade.

Cabe à instituição adotar as medidas para promover o acesso às condições necessárias à consecução das metas do adolescente. As atividades devem propiciar os conteúdos e os instrumentos requeridos, bem como orientar os passos em direção as metas, congregando os esforços/recursos tanto internos quanto externos à ele (comunidade), devendo contratar serviços especializados, quando necessário.

É fundamental que as atividades desenvolvidas na unidade passem a propiciar condições de perceber, sentir e valorizar o que tem de melhor, ensinar e aprender a ver o lado bom das coisas, enxergar seus méritos e possibilidades, suas qualidades e seus merecimentos.

“Aprendendo a gostar de si mesmo e a buscar o seu bem-estar físico, mental e emocional, passa também a aprender a dar o melhor de si e a receber o melhor dos outros”.

Este processo se dá em todos os momentos, desde da higiene e cuidados pessoais, da arrumação e conservação de seu quarto, da sala de aula, do banheiro, enfim dos ambientes que habita, e das coisas que é capaz de realizar, seja nas oficinas, na escola, na Educação Física, nos cursos profissionalizantes; através do acompanhamento sistemático do seu desenvolvimento, observando e documentando os avanços e retrocessos, facilidades e dificuldades, sucessos e insucessos apresentados. Não se trata de uma observação fria e distante, como de quem vigia, controla e examina, mas é uma ação que se processa de forma compartilhada, participante e interativa; ao mesmo tempo em que observa, intervém orientando, ouvindo, esclarecendo, estimulando e apoiando.

Considerando a inviabilidade de todos os educadores acompanharem todos os adolescentes, cada Analista Técnico é responsável por uma quantidade mínima de adolescentes, mantendo um caderno de campo para registrar as principais ocorrências, providências, encaminhamentos feitos ou a fazer, bem como o desenvolvimento que vem apresentando em relação aos compromissos e metas definidos.

Este plano pode e deve ser alterado de acordo com o envolvimento apresentado pelo adolescente, sendo realizadas reuniões mensais de acompanhamento ou sempre que houver necessidade. Isto pode ocorrer quando, após avaliação conjunta entre educadores, responsáveis e adolescentes, concluir-se pela necessidade de redefinição ou introdução de novas metas. Estas reuniões seriam coordenadas pela Coordenação Pedagógica, Coordenação de Turno, Encarregado Técnico e Direção, onde todos os envolvidos na construção do PPA terão oportunidade de apresentar e discutir não só os resultados alcançados, mas também quais foram (ou

deverão ser) os conteúdos abordados e as estratégias de ação adotadas. São importantes discutir nestas reuniões as perspectivas de colocação profissional, frequência a escola da unidade, visita ou permanência aos finais de semana com a família, saídas a passeio, enfim, que impliquem em sair da unidade e manter interações com o meio externo.

Como o plano faz parte do projeto de vida do adolescente, sua continuidade se dará após a desinternação ou na medida de progressão que possa vir a ser aplicada.

Percebemos que esta visão pedagógica da FEBEM é positiva visto que traz o foco de ação no adolescente, criando perspectivas e buscando soluções junto com a comunidade para sua reinserção.

A FEBEM/SP entende que a educação é fundamental para este processo de reinserção dos adolescentes infratores. Como mostra na tentativa de ingresso de um adolescente na universidade, dando uma nova perspectiva de vida (Folha SP, 17/11/02, p.C16), na implantação de cursos profissionalizantes dentro das unidades, como no caso da unidade em estudo, o Internato Jequitibá (Folha SP, 17/08/03, p. C3), e ONGs (Organizações Não Governamentais) que participam do programa de liberdade assistida, oferecendo cursos e discussões entre adolescentes e familiares, contribuindo de modo geral para a diminuição dos índices de violência na cidade de Campinas (Folha SP, 22/09/02, p. C3), mesmo tendo conhecimento de que o perfil dos adolescentes infratores tem mudado, pois na Comarca de Jundiaí, 19,4% dos infratores estavam trabalhando informalmente, enquanto 3,7% tinham algum trabalho formal (Folha SP, 22/09/02, p. C1).

## Capítulo 3

### A VISÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

## A VISÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

No Brasil colônia até fins do século XIX, segundo PÉREZ GALLARDO (1997), a Educação Física era entendida como uma prática em oposição à atividade intelectual, onde esta prática era relegada aos excluídos intelectualmente (apenas os filhos dos senhores de engenho tinham acesso à escola). No final do séc. XIX e início do séc. XX, com a necessidade de construção de um país independente, onde a hegemonia se fazia através de corpos fortes e aperfeiçoamento da raça, na visão médico-higienista, apoiado nas falsas conclusões da biologia nazifacista, tentando acelerar o processo de seleção natural no homem.

Durante as Guerras Mundiais, a Educação Física ganhou uma visão militarista, com as ginásticas dentro da escola para o adestramento físico, preparando o aluno para o cumprimento de seu dever militar em defender a pátria no futuro. Após as Guerras, com o crescente processo de industrialização, a necessidade de corpos fortes, ágeis e empreendedores (mão-de-obra necessária para o capitalismo) desenvolvia na Educação Física a idéia de força física transformada em força para o trabalho, novamente a ginástica era imposta como obrigação, preenchendo o ócio do aluno.

Com a retomada dos Jogos Olímpicos e sob forte influência norte-americana, o esporte foi colocado na Educação Física escolar com o objetivo de “buscar talentos” para o esporte de alto rendimento, transformando as aulas em treinamento esportivo.

A nova visão de Educação Física Escolar traz a visão Antropológica, observando o homem como um ser culturalmente definido desde o seu nascimento, com movimentos expressos pela sociedade em que vive, sendo a Educação Física uma forma de potencializar o movimento corporal, ampliando o repertório motor de cada aluno, segundo seu estágio de desenvolvimento, pois a Educação Física tem como objeto de estudo o

movimento humano, em todos os seus aspectos, sendo este movimento determinado cultural e socialmente (DAOLIO, 2003).

Nesta nova visão, entende-se a Educação Física tendo como conteúdos: a ginástica, o esporte, os jogos, luta e dança. Neste trabalho vamos enfatizar em nossas aulas os três primeiros conteúdos, pois para a dança e a luta, temos professores especializados nestas áreas, com projetos distintos que já são trabalhados com os alunos.

No pensamento de FURTER (1975), os movimentos são manifestações do equilíbrio corporal individual e são elementos de uma cultura, portanto as inabilidades dos adolescentes são sinais de uma aprendizagem mal sucedida. O adolescente pode dar uma forma, um estilo à sua dinâmica corporal e através dessa busca de um estilo que o adolescente harmoniza sua presença corporal e luta contra a inabilidade.

A educação corporal valoriza a aprendizagem fisiológica, possibilitando novas aquisições motoras, pois percebe que o indivíduo, frente a uma nova experiência, tende a princípio repetir uma aquisição motora antiga, o que também pode leva-los a superestimar a tarefa inicial. Os jogos representam para adolescentes, a expressão da liberdade, sendo estes usados como uma concepção lúdica para os problemas sociais, orientando-os em comportamentos sociais moralmente satisfatórios. (FURTER, 1975)

A cultura esportiva é um conjunto de noções e valores necessários à educação completa, desde que haja a relação atividade e repouso, sendo o repouso definido como a ausência de atividade, necessitando também de tranquilidade, retorno ao ritmo normal através da respiração e do silêncio (ouvindo os outros e a si próprio), ganhando valores de autodomínio físico. (FURTER, 1975)

Para a Educação Física, segundo MACEDO (2000), a proposta de cultura corporal atual deve se unir às características da FEBEM, com atividades dentro de esportes e jogos que estimulem a cooperação, a melhora

da auto-estima e ruptura de barreiras entre eu e o outro, pois assim perceberão que as dificuldades são menores quando se trabalha em conjunto com o outro, respeitando-o. As aulas devem ser conduzidas no sentido de fazer com que se jogue com o outro e não contra o outro, com jogos que exigem a participação de todos como forma de iniciar um processo de criação de novos significados e valores (eficácia simbólica), vivenciando a situação de ajudar alguém, compreendendo que podem realizar ações úteis à sociedade que está inserido. Importante a graduação de dificuldade nas atividades propostas, permitindo que o estímulo seja envolvente para a superação de barreiras.

Ainda esta mesma autora (MACEDO, 2000) faz uma observação quanto aos movimentos culturalmente aceitos para a sociedade e que devem ser incentivados, evitando maiores preconceitos de ordem moral e social. A proposta de um esporte inicialmente associado ao jogo possível, assim também em atividades como a dança, ginástica e lutas para atingir os objetivos de melhoria na auto-estima, evidenciar elementos de cooperação e agregar novos valores e significados. Estes conteúdos de Educação Física a serem desenvolvidos (jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas) são facilmente aceitos pelos jovens devido à forte atuação da mídia. A aula pode ter como tema um esporte, mas deve ser estruturada para possibilitar a assimilação de novos significados e novos valores na vida dos praticantes, como percepção, interação social, habilidades, leitura da realidade.

*“A prática deve estar contextualizada de acordo com o grupo, levando os alunos a sentirem e compreenderem os conteúdos da Educação Física, fazendo associações com a realidade. (...) Não se deseja obter a técnica perfeita, rendimento e melhores resultados em termos quantitativos, mas sim qualitativos, através das ‘significações objetivas’ (a cultura e os significados*

*trazidos pelos corpos desses jovens) e a 'eficácia simbólica' (meio através do qual é possível entender o próprio corpo)". (MACEDO, 2000)*

A importância do lazer como um domínio para integrar o adolescente e sua família e/ou grupo, faz-se necessário, pois as condições de trabalho, o horário escolar estendido pelos deveres, tem reduzido este lazer. No caso dos internos, este lazer também é reduzido pela rotina da unidade, onde em muitos horários os adolescentes permanecem trancados nos quartos. Na visão de FURTER (1975), o lazer tem a mesma função do jogo ou do esporte na vida juvenil, por permitir aprender e se desenvolver sem risco de zombarias, permite fazer o que for para treinar.

Os conteúdos das aulas de Educação Física procuram possibilitar a construção de conhecimentos sobre a cultura corporal, envolvendo movimentos, gestos e expressões, extrapolando qualquer recurso calcado apenas na palavra do professor, levando o aluno à prática, e que é certamente o meio que no nosso entender mais se aproxima do ideal. A prática educativa é bastante complexa, pois o contexto de aula traz questões de ordem afetiva, emocional, cognitiva, física e de relação pessoal.

## Capítulo 4

### A VISÃO DE QUEM TRABALHA COM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM

#### 4 – A VISÃO DE QUEM TRABALHA COM A EDUCAÇÃO FÍSICA NA FEBEM

Levando em consideração toda a discussão apresentada nos capítulos anteriores, ao longo deste ano, desenvolvemos as aulas de Educação Física no Internato Jequitibá, visando seus conteúdos, de forma a proporcionar uma vivência cultural de acordo com o Projeto de Educação Física do Internato para o ano de 2004, elaborado pelos professores de Educação Física (Analistas Técnicos), onde a pesquisadora faz parte desta equipe, sob a supervisão da Coordenadora Pedagógica dessa unidade.

Precisamos ressaltar que tal projeto se apóia no Plano Personalizado de Atendimento (PPA) que seria implantado na unidade no ano de 2004, porém, por questões administrativas ainda não foi totalmente implantado, no que se refere aos questionários e formação da “equipe de referência” para o adolescente. O que ocorre na prática são as atividades pedagógicas e profissionalizantes, visando proporcionar as condições apontadas pelo PPA para melhora da auto-estima e desenvolvimento do adolescente enquanto cidadão, como os cuidados pessoais, arrumação e conservação dos ambientes que habita, cuidados com seus objetos pessoais, a utilização de roupas e objetos pessoais que fazia uso antes da internação (relógio, anéis, pulseiras, colares, gel de cabelo, boné, etc), Oficinas de Artesanato (velas decorativas, biscuit, pintura em madeiras, telas, gesso), Educação Formal com reaproveitamento dos estudos após a desinternação, Curso profissionalizante de Panificação e Informática, Oficina de Dança de Rua, Educação Física, atendimento médico e odontológico, entre outros. Quanto aos educadores, no início chamados de Agentes de Educação, depois chamados de Analistas Técnicos, devido ao plano de cargos e salários adotado em 2002, cabe o registro pessoal em cadernos de anotações das atividades orientadas,

problemas ou descobertas ocorridas, observação de grupos de adolescentes, porém de forma impessoal, sem a entrevista e preenchimento da agenda personalizada, prevista no PPA, servindo estes registros pessoais de avaliação do trabalho e realimentação no planejamento de aulas, necessidades e determinação dos componentes que devemos abordar no desenvolvimento do programa. As atividades são documentadas no Relatório Mensal de Educação Física enviados para a DAESP na sede da FEBEM-SP, desde 2002.

Também a realização do PPA, mesmo que somente na prática, sem a parte burocrática dos questionários, reverte o quadro apontado no capítulo 1, como a mutilação do eu, procurando tratar o adolescente (e não mais puni-lo) dentro das possibilidades de uma fundação estatal, além de ter seu papel destacado para a formação do adolescente.

#### 4.a – AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

As aulas de Educação Física são expositiva-prática, isto é, o conteúdo da aula é explicado para sua posterior realização, sendo passadas orientações com o objetivo de executar movimentos, as regras de um esporte e suas características, acrescentar variações para um jogo com estágios progressivos de dificuldades, sem se prender em detalhes técnicos, que leve o aluno a raciocinar para resolver problemas psicomotores, cognitivos e afetivo-sociais; fugindo do método tradicional, trazendo prazer em jogar, sob uma vivência social diferenciada, de forma mais efetiva, expressando mais entusiasmo e alegria. A aula permite o diálogo e a crítica, pois assim possibilita a participação do aluno na organização das atividades, na superação dos conflitos, exercitando a cooperação.

#### 4.b - PÚBLICO ALVO

As aulas de Educação Física tem como público alvo os adolescentes que se encontram cumprindo a medida sócio-educativa de internação, com faixa etária de 12 a 18 anos, do sexo masculino.

Apesar de constar no projeto de Educação Física do Internato uma proposta de ginástica para funcionários (Ginástica Laboral) e avaliação antropométrica, nosso estudo se prenderá nos conteúdos de Educação Física somente durante as aulas aos internos.

#### 4.c - RECURSOS MATERIAIS

Para as aulas de Educação Física com conteúdo de Esportes, nossa unidade possui os seguintes materiais:

<b>Esporte</b>	<b>Material</b>
Saltos (ginástica Olímpica ou Atletismo)	Colchão grande, livros didáticos em Atletismo.
Futebol de Salão	Traves de gol, rede para gol, cones, coletes, shorts, meiões, algumas bolas, livros didáticos.
Basquete	Tabelas de Basquete, cones, coletes, bolas, livros didáticos.
Vôlei	Postes para fixar a rede, rede, bolas, livros didáticos.
Handebol	Traves de gol, rede para gol, cones, coletes, livros didáticos.
Xadrez	Tabuleiros, relógio de xadrez, livros didáticos.

Para as aulas com o conteúdo de Ginástica, possuímos os seguintes materiais:

<b>Ginástica</b>	<b>Material</b>
Ginástica	Medicine ball, colchonetes, colchão grande
Musculação	Mesa Romana, 2 barras de anilhas, anilhas de 2kg, 3kg, 5kg, 10kg, 20kg, medicine ball, 2 pares de halteres de 4 kg, e 1 par de halteres de 5 kg, 2 aparelhos para abdominal.

E nas aulas com conteúdos de jogos, além dos pré-esportivos que utilizarão os materiais citados em esportes, também possuímos:

<b>Jogos</b>	<b>Material</b>
Gincanas	Saco de estopa, cordas, bolas de borracha, peteca, papéis de vários tipos, jornais, revistas, garrafas PET, etc.
Recreativos	Pebolim, brinquedos
Pré - esportivos	Materiais descritos em esportes

#### 4.d - RECURSOS INSTITUCIONAIS

Em nossa unidade possuímos duas quadras poli esportivas, sendo que uma delas não possui as metragens adequadas e piso de cimento rústico. Ambas as quadras necessitam de reparos e alguns equipamentos, como por exemplo, uma cobertura com rede, evitando a perda constante de materiais. Nestas quadras são desenvolvidas aulas sobre esportes, jogos, alguns tipos de ginástica, gincanas, etc.

#### 4.e - RECURSOS FINANCEIROS

Dependemos da Coordenadoria Técnica Pedagógica – Diretoria da Área de Educação Física e Esportes (DAESP), que realiza a compra de materiais esportivos mediante pedido encaminhado pelas unidades, assim

como para a manutenção dos Recursos Institucionais, dependemos do setor de Engenharia da FEBEM, para a construção de salas, reforma de quadras e colocação de equipamentos de quadras (traves de gol, suportes para tabelas de basquete, etc).

#### 4.f - CRONOGRAMA

A Educação Física é realizada de Segunda a Sexta-feira, em período contrário da Educação Formal, no horário das 8:00 às 11:00 e das 14:00 às 17:00 horas, sendo coletados dados pertinentes a este estudo durante o período de outubro de 2003 a setembro de 2004, visto que a autora saiu de férias nos meses de fevereiro e outubro de 2004, e que a implantação total do PPA não se concretizou em 2004, como estava previsto.

No período de férias escolares, há atividades como gincanas, torneios esportivos, jogos recreativos, obedecendo a rotina definida pela unidade. Este período compreende os meses de dezembro e início de fevereiro/2004 e férias de junho/2004.

#### 4.g – AVALIAÇÃO

Na Educação Física do Internato, antes de iniciar as atividades, discutimos o tema que será desenvolvido, de acordo com as possibilidades de trabalho (se há material, ou que critérios vamos adotar antes da aula para desenvolver determinado tema, atentando para o desenvolvimento dos pensamentos, a aquisição de autonomia).

Durante a aula, a avaliação ocorre por observação das atitudes dos alunos, como uma situação de jogo, a reunião dos participantes e a discussão para a adoção de um critério para encontrar o objetivo, constituem-se em sinais de que o comportamento durante o jogo excede o fazer apenas motor.

Ao final da aula, a avaliação também incidi na aquisição de conhecimentos de ordem teórica, através da discussão e memorização dos conceitos passados, problemas que foram apresentados à eles e quais foram solucionados, levando-se em conta os conceitos vivenciados durante as atividades.

Entendemos a avaliação do nosso trabalho, encarando os momentos avaliativos como aquisição de dados para a modificação e melhoria do trabalho pedagógico. Estes dados são coletados em anotações simples e arquivados para análise destes alunos em situação de reclusão, e para o relato deste trabalho como o que veremos a seguir.

#### 4.h – A PRÁTICA NO DIA A DIA

Para facilitar nossa descrição das atividades desenvolvidas, vamos dividir o trabalho em período de “aulas escolares” e período de “férias escolares”, pois nestes períodos os horários de atividades pedagógicas, seja oficinas ou a Educação Física, são diferentes, permanecendo os adolescentes mais tempo no quarto durante as “férias” (acordam às 8 da manhã e são recolhidos para banho e jantar às 16 horas), e permanecem mais tempo em atividades durante o ano letivo da escola (acordam às 6:30 horas da manhã e são recolhidos às 17 horas), respeitando a ordem cronológica desses períodos. Uma observação é importante frisar, pois mesmo os adolescentes permanecendo um tempo maior nos quartos durante as férias, todos os quartos possuem televisão e acesso a jogos de salão, como dominó, por exemplo, e esporadicamente são alugados filmes em VHS.

O período de “aulas escolares” que vamos abordar neste trabalho abrange os meses de outubro e novembro de 2003, final de fevereiro até junho de 2004, e início de agosto até setembro de 2004. E o período de “férias

escolares” que iremos apresentar vai de dezembro de 2003 a fevereiro de 2004, e julho de 2004.

Nestes períodos, seja escolar ou de férias, observamos uma prática, infelizmente freqüente e muito despreocupada de funcionários da segurança do Internato, como Agentes de Apoio Técnico e Coordenadores de Turno, que na ausência dos professores de Educação Física, se dão a liberdade de distribuir materiais de Educação Física aos adolescentes, sem nossa autorização, sem critérios ou responsabilidade pelos mesmos, e principalmente, sem objetivos pedagógicos, onde a única preocupação é ocupar os garotos. Esta atitude foi amplamente discutida entre a Coordenação Pedagógica e os professores de Educação Física do Internato, pois ao retornar às atividades, estes materiais estão deteriorados, quando não são totalmente perdidos, cabendo a responsabilidade de reposição aos professores. Também foi discutido quanto à prática ilegal da profissão de professor por estes funcionários, desqualificados para tal cargo, situação onde ainda esperamos respaldo mais consistente.

Os meses de outubro e novembro de 2003, período de aulas escolares, são meses onde desenvolvemos muitas atividades de caráter esportivas e recreativas<sup>4</sup>, como Futsal, Futebol Rebatida<sup>4</sup>, Basquete Relógio<sup>5</sup> (ou 21 parado como conhecem no Internato), Gol a Gol<sup>6</sup>, Vôlei (geralmente com regras adaptadas), Jogos da Estrela como Cilada, Lig 4, Combate, Cara a Cara, Show do Milhão, Máster Desafio, etc., além dos jogos clássicos de salão como Pebolim, Resta 1, Trilha, Dama, Dominó e Xadrez. Ainda neste período, quando havia interesse dos adolescentes, realizamos caminhada na quadra, seguida por alongamentos e exercícios de Ginástica Localizada

---

<sup>4</sup> **Futebol Rebatida** - usando meia quadra, em duplas, sendo uma dupla trocando passes aéreos com tentativa de gol, se errar o gol troca a dupla que errou, se fizer gol a reposição de bola é na forma de “bobinho” – a dupla dribla o goleiro que sai do gol, se o goleiro tocar na bola, ele e mais uma pessoa forma a nova dupla para trocar passes.

<sup>5</sup> **Basquete Relógio ou 21 parado** – jogo de arremessos individuais, com fila de arremessadores, o próximo deve arremessar de onde a bola cair após tocar no aro. Não há número mínimo ou máximo de participantes.

<sup>6</sup> **Gol a Gol** – Cobranças de pênalti a longa distância, com um participante em cada gol.

(abdominal e flexão de braços), no início da manhã. Nesta época contávamos com três profissionais de Educação Física, sendo que um deles pediu demissão no início de dezembro de 2003.

Na semana anterior a semana do Dia das Crianças, houve a “Gincana da Solidariedade”, em parceria com os professores da escola, onde cada quarto era uma equipe e quanto mais se participava, mais pontos somava cada prova, e a ausência em alguma prova descontava pontos. As provas foram cabo de guerra, batata na colher, morder a maçã, escrever uma poesia com um tema proposto, escrever e cantar um rap com algumas palavras obrigatórias para todos, pintura de cartazes, cantar no videokê, além do vôlei, basquete e futsal.

No final de outubro de 2003, aconteceu o I Simpósio de Educação Física da FEBEM, em São Paulo, oferecendo cursos com temas em treinamento esportivo, organizado pela Supervisão Esportiva da FEBEM em parceria com o Mackenzie.

Também neste período houve a tentativa de montar “Clínicas de Esportes”, com ênfase para o Basquete e o Futsal como esportes de quadra, uma mini-academia de musculação com aparelhos recebidos de doação e materiais alternativos, e uma Oficina de Xadrez com aulas sobre o Xadrez, suas regras, treinos de estratégias em tabuleiros e jogos de computador. Estas Clínicas eram constantemente interrompidas, pois com o início das provas escolares, os adolescentes que terminavam as provas mais cedo saíam da aula e vinham para a quadra ou sala, sendo difícil manter a orientação da atividade, com a grande concentração de adolescentes, dispersando o material e negligenciando a atividade proposta, além de atrapalhar os que estavam engajados na Clínica. A preocupação dos funcionários da segurança com o fim de ano e término das aulas escolares, encerrava as atividades antes do horário para trancar os adolescentes nos quartos, por razões diversas e algumas injustificadas, o que em parte desmotivou os professores a dar

continuidade às Clínicas neste mês. Na Clínica de Basquete, o desenvolvimento partiu do Basquete Relógio até o Street ball, um Basquete jogado em meia quadra, com poucas regras, pois só há uma tabela em condições de uso.

Ainda neste período os professores de Educação Física do Internato se reuniram para fazer o Planejamento Anual de Educação Física para 2004, programando as atividades do PPA, além das funções que competem ao Analista Técnico de Educação Física. Encerramos novembro com Torneios Relâmpagos de Futsal, e jogos de futebol “amistosos” entre adolescentes e funcionários de segurança, onde os funcionários sempre ganhavam porque não deixam ninguém apitar e cometiam várias faltas, mas mesmo assim os adolescentes nunca reclamavam, o que não era de costume.

As férias escolares, que neste relato compreende os meses de dezembro de 2003 e janeiro de 2004, foram marcadas com muitas chuvas de verão atrapalhando atividades em quadra e no pátio, que sempre alaga com a chuva forte. Em dias chuvosos, realizamos jogos de salão e recreativos no refeitório dos pavilhões, ou os adolescentes permaneciam assistindo televisão aqueles que preferiam retornar aos quartos,. Quando não choveu, realizamos Torneios Relâmpagos<sup>7</sup> de várias modalidades entre os quartos, confecção de pipas e material para empinar, Clínica de Xadrez no pátio (e não mais em sala) para todos que se interessassem, além das aulas de Capoeira com o mestre Julião (Arte Educador da FEBEM Arte) sendo que algumas vezes os adolescentes usavam o pandeiro e o atabaque para fazer pagode, com todos cantando, mas também atrapalhando a atividade do professor Julião.

Destes Torneios, principalmente o de Futebol, percebemos que quando intervimos como árbitro, os adolescentes cometiam faltas muito agressivas e desnecessárias, até o limite do juiz externo, quando não

---

<sup>7</sup> Torneios Relâmpagos – são torneios com chaves de eliminatória simples, para começar e acabar no mesmo dia.

intervimos como árbitro, porém passando orientações sobre as regras, eles se respeitavam mais, pois além de jogadores, os elegemos juízes também, e bastasse pedir para parar o jogo que todos deveriam acatar o problema, o que para nossa surpresa funcionou. O único entrave desses Torneios de Futebol, era a escalação dos times, excluindo os garotos de menor estatura, salvo se este era habilidoso. Tentamos contornar essa situação várias vezes, ora incluindo os pequenos com regras obrigatórias, ora criando um time especial só para os pequenos, não importando o quarto. Outros Torneios realizados foram de Basquete, Vôlei, Dama, Dominó, Xadrez, Confecção de Cartazes com temas esportivos, Badmington com raquetes de ping-pong, peteca e regras adaptadas. Mesmo com esta variedade de jogos, alguns dos adolescentes não se interessavam em participar, principalmente os que exigem esforço físico, porque alguns possuem problemas físicos adquiridos antes da internação na FEBEM, como balas nas pernas após troca de tiros, problemas cardíacos e hérnia de rins após uso contínuo de drogas, falta de ar e arritmias durante o esforço, por uso de fumo e drogas inalantes.

As outras Analistas Técnicas também organizavam atividades lúdicas com bingos com premiação de doces, bolachas, salgados e refrigerantes, além de filmes, videokê, decoração da unidade em datas festivas junto com os adolescentes, entre as Oficinas que ministram.

Novamente a preocupação com a segurança, ora por denúncias anônimas de resgate, ora por objetos arremessados da vizinhança para dentro do Internato com bilhetes combinando fugas, atrapalharam o andamento das atividades neste período de fim de ano, pois algumas vezes os adolescentes eram trancados mais cedo, ou saíam para atividades em horários alternados por quartos. Porém esta preocupação gerou um hábito nos funcionários da segurança, pois qualquer atividade da unidade é considerada prioridade em relação às atividades físicas (por exemplo, atendimento técnico, visita de

membros da comunidade, cultos religiosos, etc), encerrando as atividades no meio da aula ou simplesmente não liberando os adolescentes dos quartos.

Retornando as aulas escolares em março de 2004, os adolescentes passaram a cumprir o horário de aula da escola, acordando às 6:30 para iniciarem as aulas às 8:00 horas. A Educação Física volta a ser realizada em horário alternado com a aula da escola, e também com aqueles que não estão participando de alguma Oficina. As atividades consistem em Clínicas de Esportes na quadra e pátio, jogos de salão no pátio, e atividades alternativas como Queimadas, Ginástica Localizada ou Circuitos de Ginástica, Corridas, Filmes e Videokê em feriados de Corpus Christi, Páscoa e Aniversário da Unidade, Jogos de Vôlei e Futebol com os professores da escola nos times no Dia Mundial da Atividade Física, Corrida de Páscoa no Complexo Tatuapé em São Paulo, Vôlei com regras adaptadas para maior adesão. O intervalo das aulas escolares, neste ano aumentou para 30 minutos, o que muitas vezes atrapalhou as atividades desenvolvidas em quadra, com a “invasão” dos alunos da escola, algumas vezes contida após muita conversa.

Mais uma vez este período foi marcado por contenção dos funcionários de segurança, que diminuíam a revelia o horário das atividades da tarde, ou praticando as irregularidades descritas no início, retirando o material de Educação Física sem nosso consentimento e tentando “dispensar” as professoras da quadra, ora liberando os adolescentes sem nos informar, ora impedindo de entrar em pátio com motivos injustificados, quando simplesmente não liberavam os adolescentes para as atividades. Ajudando neste quadro, nosso Encarregado Administrativo, por medida de “economia”, resolveu não fornecer materiais de Educação Física do almoxarifado quando estes eram deteriorados, ou fornecendo outro tipo de material que não correspondia com o nosso pedido e necessidade.

Infelizmente esta postura dos funcionários de pátio acredito ter culminado na rebelião que aconteceu no mês de abril de 2004, ferindo três

funcionários e causando a destruição do pavilhão B, pois os adolescentes rebelados queimaram muitos objetos da unidade no meio do pátio. Após o ocorrido, o Diretor decretou 15 dias de castigo para os adolescentes, saindo dos quartos somente para comerem ou quando solicitados. Todas as atividades foram suspensas, inclusive as aulas escolares. O restante do mês, organizamos os livros que sobraram da biblioteca: catalogando, etiquetando, fazendo fichas de empréstimo, organizando salas. Alguns adolescentes que não participaram da rebelião ajudaram a pintar as paredes do pavilhão B e recuperar objetos.

Na primeira semana de maio, os adolescentes começaram a serem liberados dos quartos, com apenas 30 minutos de atividades no pátio, muitas vezes com nossos materiais de Educação Física, porém não podíamos intervir, como medida de segurança. Somente em 10 de maio, as atividades físicas e aulas escolares no pavilhão B voltaram ao normal, porém com poucos materiais, e o pavilhão A ainda de castigo, com os adolescentes que participaram diretamente na rebelião.

A Oficina de Cartas, que é um espaço onde os adolescentes podem escrever correspondências para amigos e familiares, acompanhados pelas Analistas Técnicas, foi transferida para a sexta-feira, nas duas últimas aulas da escola. Portanto as atividades físicas deveriam ser interrompidas para auxiliarmos nas cartas, mas na prática, temos que abandonar nosso material com os adolescentes na quadra para ir à Oficina. E outras atitudes de desrespeito por parte dos Coordenadores de Turno, que avisavam que não liberariam os adolescentes, e quando menos esperávamos os garotos eram liberados e espalhavam nosso material sem nosso consentimento.

Aos poucos as Oficinas e a Educação Física foram retornando como o Futebol, a Dama, o Dominó, o Xadrez, o Vôlei, o Basquete, e a Ginástica com pesos (medicine ball), mas sempre com poucos materiais no pátio. No Dia do Desafio (26 de maio), programamos um relaxamento que não deu

certo. Para compensar, improvisamos uma aeróbica no meio do refeitório do pavilhão B, e no pavilhão A fizemos alongamentos e brincadeiras nas mesas do refeitório como corrente elétrica, escravos de Jó. Também algumas vezes fazíamos rodas na arquibancada para conversar com os adolescentes, onde estes compartilhavam tristezas, proezas, medos, etc.

O pavilhão A retornou às atividades físicas a partir de junho, até então estavam com os adolescentes de castigo, porque participaram da rebelião, mas ainda não há atividades físicas aos finais de semana, nem feriados. Estas atividades de final de semana, que acontecem só no pavilhão B, é reduzida a duas horas a tarde para dois quartos no sábado, e duas horas para os outros dois quartos no domingo, e consiste em atividades recreativas, jogos de salão, brinquedos. As atividades deste mês consistiram em manter as Clínicas de Esporte, atividades alternativas como vôlei em roda, construindo castelos com os dominós, jogging e alongamentos para evitar lesões, e o Campeonato Regional de Xadrez entre o Internato Jequitibá e a UIP-5 Amazonas, também de Campinas. Este campeonato era classificatório para a final em São Paulo, onde classificamos apenas um adolescente e um funcionário.

Nas férias de julho de 2004, algumas reformas no Internato impediram de liberar os adolescentes para atividades, nos dois pavilhões. Elaboramos uma programação especial para as férias nos dois pavilhões, com Torneios Relâmpagos de Futebol, Basquete, Vôlei, Dama, Dominó, Xadrez, e Gincana com alguns testes físicos (por exemplo, pesar todos de um quarto e somar os pesos, o quarto mais pesado ganha, etc.). Infelizmente não foi possível cumprir com a programação na íntegra, pois muitos dias os adolescentes permaneciam trancados por diversos motivos, ou quando liberavam os garotos, liberavam os dois pavilhões ao mesmo tempo, e neste mês a outra professora de Educação Física esteve de férias.

Um fato que chamou a atenção desta programação, foi o Torneio de Futsal no pavilhão A, onde os funcionários da segurança resolveram torcer por times diferentes e criar polêmicas sobre lances difíceis do jogo. Estas polêmicas geraram uma discórdia incrível entre os adolescentes, que pararam tudo para discutir, causando uma grande confusão. A solução que encontramos foi conversar com os adolescentes sobre a situação, mas a solução que estes funcionários encontraram foi trancar todo mundo para “esfriar os ânimos”, o que causou mais problemas, pois teria que começar o torneio do zero em outro dia. E dois dias após esse fato, estes mesmos funcionários tomaram a liberdade de fazer o Torneio de Futsal, fazendo a arbitragem dos jogos, porém sem avisar a professora de Educação Física, que estava fazendo o mesmo torneio no pavilhão B. Quando informaram, já estavam terminando o jogo da final. Deixamos esclarecida a Coordenação de Turno e Pedagógica que não faríamos a premiação deste torneio, pois não concordamos com essa atitude dos funcionários.

Ainda no final do mês de julho, houve uma Clínica de Futebol, com o Sr. Fábio, da Supervisão Esportiva, para descobrir talentos e formar uma seleção de Futsal da FEBEM, com a intenção de disputar jogos do Campeonato Paulista de Futsal para menores de 18 anos. O interessante desta visita inusitada foi a permissão de regras antes impedidas de fazer o mês inteiro, como não misturar os adolescentes dos dois quartos do pavilhão A, e não retirar adolescentes da atividade para fazer outras coisas. Infelizmente essa atitude benevolente foi manchada, com a constatação de que os funcionários da segurança estavam escondendo uma bola do Sr. Fábio, que deu por falta dela logo no início da Clínica.

Em agosto procuramos terminar os torneios de julho, pois a programação foi amplamente divulgada para os adolescentes, que contavam com a realização de algumas provas, porém o retorno às aulas impediu o bom andamento das atividades, e não era permitido retirar os adolescentes da sala

para completar times ou jogar nas modalidades individuais. Mas os Torneios que eram de julho e foram realizados em agosto, impulsionaram as Clínicas de Esporte, como o Street ball <sup>8</sup> e o Xadrez no pavilhão B, além das atividades com o Futebol, Dama, Dominó, Vôlei, Ginástica Localizada, e às vezes caminhada no início da manhã com os adolescentes. A Musculação foi reiniciada com os aparelhos de doação e exercícios com medicine ball, porém sem planejamento ou fichas de acompanhamento individual.

Outro acontecimento que incentivou a prática de esportes foi a Olimpíada, principalmente o Vôlei, que os adolescentes geralmente classificam de “esporte para mulheres” (sic).

Antes das Olimpíadas, a Supervisão Esportiva da FEBEM realizou a Final do Campeonato Interno de Xadrez, no Ginásio Mauro Pinheiro, em São Paulo. Mais uma vez, atitudes arbitrárias impediram de levarmos nosso adolescente classificado para o evento, conforme relatório em Anexos. Ainda como consequência desse episódio e do relatório, que era só um esboço no computador e não estava impresso, e nem assinado pelas profissionais de Educação Física, a Coordenadora Pedagógica imprimiu, carimbou, assinou e entregou o relatório ao Diretor, sem o nosso consentimento. Esta atitude nos causou grande indignação, e solicitamos uma reunião com o Diretor para apurar os problemas ocorridos. Depois desse acontecimento, percebemos que o adolescente desanimou em participar de qualquer tipo de atividade ligada a nossa área.

E no mês de setembro de 2004, continuaram as atividades esportivas, os jogos de salão, a ginástica, a Clínica de Xadrez que ganhou vários adeptos incentivados pelo Campeonato de Xadrez do mês anterior, em detrimento à Clínica de Basquete onde poucos adolescentes se interessaram em participar. Também neste mês a Supervisão Esportiva realizou o Curso de Arbitragem em Xadrez, pela Federação Paulista de Xadrez. No feriado de 7

---

<sup>8</sup> Street ball – jogo de basquete com times em trios, usando meia quadra, e algumas regras do Basquete.

de setembro todos os adolescentes permaneceram trancados, por motivos de segurança, segundo a Coordenação de Turno.

Este mês terminou com um planejamento de atividades para a Semana das Crianças, com todos os professores da escola, inclusive com a outra professora de Educação Física, que também atribuiu aulas de Educação Física da Delegacia de Ensino para o Ensino Fundamental e Médio.

CONCLUSÕES  
FINAIS

Como principais conclusões e considerações destes olhares para nosso objeto de estudo, a FEBEM, podemos apontar os seguintes fatores:

No primeiro capítulo (O Olhar dos Outros) entende-se que a função da FEBEM é exclusão do adolescente infrator, com o objetivo de recupera-lo para depois reinseri-lo na sociedade. A função entendida pela FEBEM (capítulo 2) com o projeto Novo Olhar, é de estimular o adolescente a encontrar a resposta para suas dificuldades, apontando metas a serem alcançadas, em um “projeto de vida” coletivo, isto é, construído com a integração de profissionais de todos os setores da unidade, da sociedade e familiares.

A visão preconceituosa da sociedade não consegue perceber que o adolescente autor de ato infracional ainda é um membro dela, rotulando com termos como “menor”, “delinqüente”; discutindo a redução da maioria penal, não se sensibilizando com as questões que causam a delinqüência, como a desigualdade social e o modo de produção perverso. O termo “menor” não é utilizado em questões como maus-tratos, exploração sexual, trabalho infantil, adoções irregulares, desaparecimentos, etc.

A constatação de FOUCAULT (apud VOLPI, 2002) de que em todas as instituições totais, onde as pessoas permanecem em reclusão permanente, ocorre a “mutilação do eu”, pois os espaços são coletivos, com a disciplina imposta, e utilização de objetos de uso comum ou padronizados. A proposta do “Novo Olhar” da FEBEM procura minimizar essa constatação colocando um atendimento individualizado ao adolescente, criando os “funcionários referência” para suprir carências pessoais e auxiliar no alcance das metas que o adolescente definiu em entrevista.

Quanto a Educação Física, no capítulo 1 possui a função de ajustamento e aceitação da unidade pelo educando, domesticando seus corpos e diminuindo a agressividade. No capítulo 3, a proposta de Educação Física para unidades da FEBEM é a educação corporal, possibilitando novas

aquisições motoras através dos conteúdos de ginástica, esporte, jogos, luta e dança; estimulando a cooperação, melhora da auto-estima, e ruptura de barreiras, conduzindo as aulas para o 'jogar com o outro' e não 'jogar contra o outro'. Jogos com a participação de todos, para a criação de novos significados (eficácia simbólica), ajudando alguém e realizando ações úteis. Para MACEDO (2000) os jogos são a expressão da liberdade e possui concepções lúdicas para os problemas sociais.

Na experiência relatada, o projeto "Novo Olhar", com a realização do Plano Personalizado de Atendimento (PPA), só ocorre na prática, não há a aplicação das entrevistas, questionários para definição de metas para o adolescente, nem a formação da equipe de "funcionário referência", ficando a cargo de cada Analista Técnico o registro em caderno pessoal das atividades e comportamentos dos adolescentes.

O planejamento de Educação Física possui grande ênfase em atividades esportivas, com a realização das Clínicas, jogos lúdicos e intelectivos, e ginástica. Os conteúdos de dança e lutas são trabalhados em Oficinas ministradas por Arte Educadores da FEBEM Arte, especializados em Dança de Rua e Capoeira. As atividades extras como Corrida da Páscoa, Campeonato de Xadrez, Cursos para os profissionais, Dia do Desafio, Dia da Atividade Física, Aniversário da Unidade, Clínica de Futebol, complementam a proposta de Educação Física do Internato.

Problemas de relacionamento e entendimento das funções de cada funcionário na instituição, interferiram negativamente a realização das atividades propostas em cada período descrito, somando a rebelião que houve no meio do intervalo de tempo relatado, cancelando atividades e demonstrando as outras funções atribuídas ao cargo de "Analista Técnico", como organização de materiais que restaram da biblioteca, realização de Oficinas entre elas, a Oficina de Cartas.

Quanto ao objetivo primeiro da autora, de relatar a realização do projeto “Novo Olhar”, com vistas na prática de Educação Física, esta intenção foi em parte frustrada, pois o projeto não foi totalmente implantado no Internato Jequitibá, visto que a aplicação do PPA e conseqüente desenvolvimento das metas sugeridas pelos adolescentes não se concretizou. Apenas houve esforços de colocar a parte prática do Novo Olhar em ação, com a criação de várias Oficinas, Cursos Profissionalizantes, atendimento semanal de médico e dentista, Ensino Formal, Educação Física e atividades de Lazer.

A visão da Educação Física possui vários focos:

a) para os demais funcionários de segurança do Internato, a Educação Física ainda possui a função de “ocupar o tempo ocioso” e de “gastar energias para acalmar os adolescentes”, na falta dessas funções, opta-se por mantê-los trancados, o que está de acordo com a visão de Educação Física apresentada no capítulo 1;

b) na visão da autora, a grande possibilidade de temas que são trabalhados no Internato, variando quando ao período escolar ou de férias, está de acordo com a visão apresentada no capítulo 3, apresentando um repertório motor aos adolescentes, ainda que possua uma ênfase no conteúdo esporte;

c) para a FEBEM em geral, a Educação Física faz parte dos objetivos a serem alcançados do projeto “Novo Olhar”, garantindo também o cumprimento com as determinações do ECA quanto aos direitos de adolescentes que cumprem a medida sócio-educativa de internação.

## BIBLIOGRAFIA

## BIBLIOGRAFIA

DAOLIO, Jocimar. *Cultura, Educação Física e futebol*. 2 ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2003.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Laudo mostra problemas de higiene*. Caderno Cotidiano, 1º de maio de 2002, p. C4.

\_\_\_\_\_ *Infratores estudam*. Caderno Folha Campinas, 22 de setembro de 2002, p. C1.

\_\_\_\_\_ *Criminalidade de jovens cai em Campinas*. Caderno Folha Campinas, 22 de setembro de 2002, p. C3.

\_\_\_\_\_ *ONG ajuda a recuperar infratores*. Caderno Folha Campinas, 22 de setembro de 2002, p. C3.

\_\_\_\_\_ *OEA vai investigar denúncias contra FEBEM*. Caderno Folha Campinas, 2 de novembro de 2002, p. C7.

\_\_\_\_\_ *FEBEM*. Caderno Opinião, 6 de novembro de 2002, p. A3.

\_\_\_\_\_ *Jovens infratores tentam trocar FEBEM por USP*. Caderno Folha Campinas, 17 de novembro de 2002, p. C16.

\_\_\_\_\_ *Relatório diz que ano foi negativo para direitos humanos no país*. Caderno Folha Campinas, 4 de dezembro de 2002, p. C6.

\_\_\_\_\_ *Roubo e tráfico inflam unidades da FEBEM.* Caderno Folha Campinas, 17 de agosto de 2003, p. C1.

\_\_\_\_\_ *Grupo já discute mudanças na internação.* Caderno Folha Campinas, 17 de agosto de 2003, p. C13.

\_\_\_\_\_ *Dom Aloísio defende redução da maioria penal.* Folha on line, 13/11/03. [www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil](http://www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil)

\_\_\_\_\_ *Thomaz Bastos diz ser contra redução da maioria penal.* Folha on line, 14/11/03. [www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil](http://www1.folha.uol.com.br/folha/Brasil)

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FURTER, Pierre. *Juventude e tempo presente: fundamentos de uma pedagogia.* 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1975.

MACEDO, Melissa Toledo de. *A contribuição da Educação Física no atendimento a adolescentes infratores da FEBEM.* Campinas: Monografia de Licenciatura, 2000. Orientador: Prof. Dr. Jocimar Daolio.

MONTEIRO, Sandoval Villa Verde. *Corporeidade, toxicomania e delinquência juvenil.* Natal: Monografia de Licenciatura, 1995. Orientador: Kátia Brandão Cavalcanti.

PÉREZ GALLARDO, Jorge Sérgio (coord.). *Educação Física: contribuições à formação profissional.* 2 ed. Ijuí-RS: Unijuí, 1997.

SÃO PAULO, GOVERNO DO ESTADO DE ; SECRETARIA DA CRIANÇA, FAMÍLIA E BEM-ESTAR SOCIAL. *ECA: estatuto da criança e do adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1997.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares nacionais (PCN): Educação Física*. Brasília: MEC / SEF, 1997.

VOLPI, Mário (org.). *O adolescente e o ato infracional*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

<http://www.noticias.correioweg.com.br/ultimas.htm?codigo=2623760>

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u62501.shtml>

<http://www.estadao.com.Br/agestado/noticiais/2003/out/02/174.htm>

ANEXOS I

O PLANO PERSONALIZADO de ATENDIMENTO da FEBEM  
(PPA)

E

RELATÓRIO DO II CAMPEONATO DE XADREZ

**PROCEDIMENTOS**

**DO**

**ATENDIMENTO**

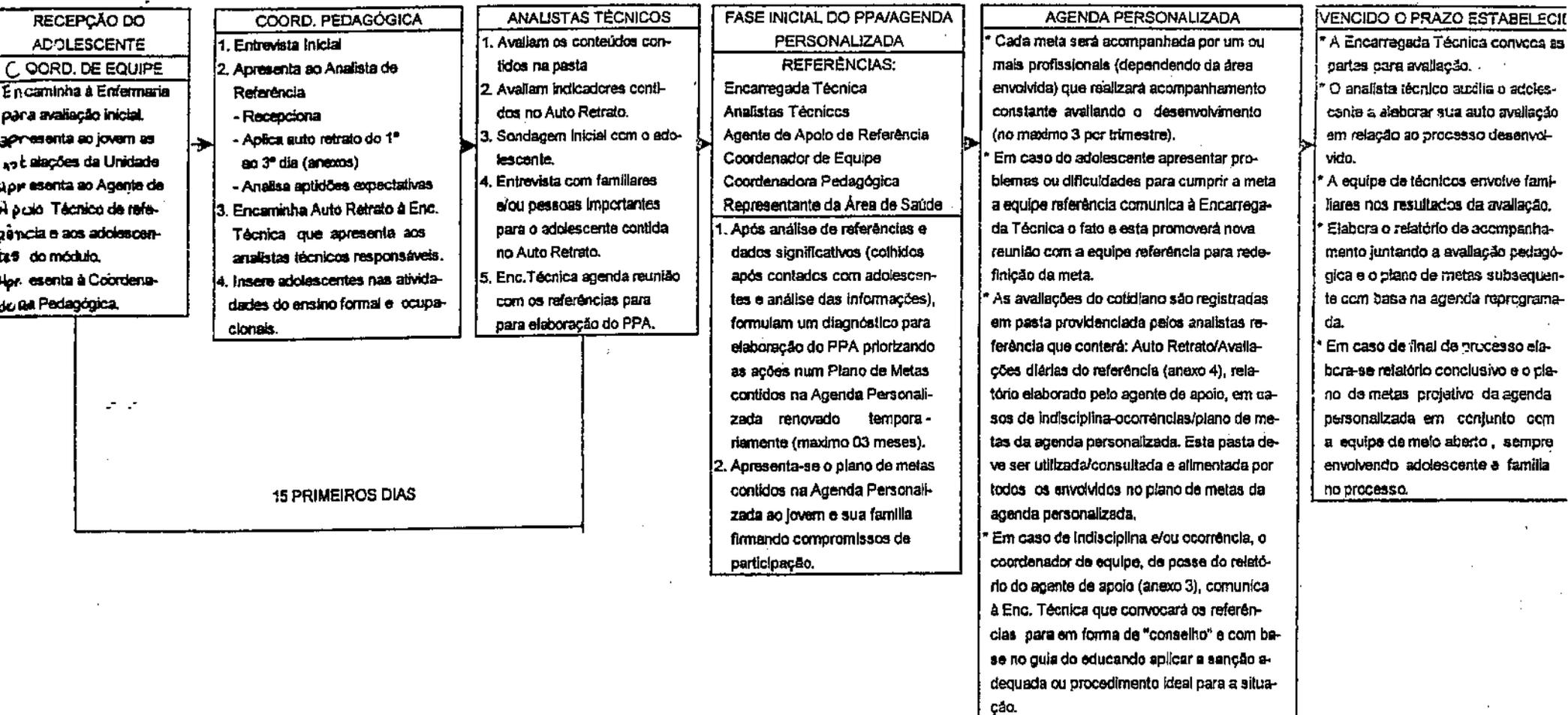
**AO**

**ADOLESCENTE**

**NA**

**FEBEM-SP**

## FLUXO DO ADOLESCENTE NO PROCESSO PERSONALIZADO DE ATENDIMENTO



## **PROCEDIMENTOS**

### **UIP**

**Acolhimento do adolescente na unidade (agente de educação):**

- apresentação do agente de educação no papel da figura de referência na unidade para apoio, orientação e esclarecimentos.

**Atendimento de saúde.**

**Apresentação à equipe de educadores/referência.**

- orientação sobre as rotinas e regulamentos da casa.

**Atendimento técnico ( assistente social /psicólogo)**

- orientações sobre a situação processual do jovem.

- entrevistas com adolescente e familiares.

**Reunião da equipe com adolescente, família, referências para elaboração do Plano Personalizado de Atendimento.**

**Formalização do Plano Personalizado para acompanhamento do jovem, enquanto estiver internado provisoriamente.**

**Elaboração dos "Indicativos de Percepção para Ação Imediata" que deverão subsidiar a construção da Agenda Educacional.**

**Elaboração do Relatório Inicial que será apresentado na audiência com indicadores dos conteúdos do P.P.A. e percepção para ação imediata.**

**Orientação após audiência.**

**Readequação do P.P.A de acordo com a medida aplicada.**

**Encaminhamento de acordo com a medida judicial.**

## **PLANO PERSONALIZADO DO ATENDIMENTO – P.P.A.**

### **STRUMENTOS UTILIZADOS:**

**Conteúdo da Sentença**

**Entrevistas**

**Informações colhidas e contidas na ficha de informações do adolescente:**

**saúde**

**relações**

**escolaridade**

**prontidão para o trabalho**

**comprometimento na sociabilidade, etc**

**opinião e leitura em relação ao ato praticado**

**esporte**

**lazer**

**religião , etc.**

**Auto - retrato**

**Indicativos de Percepção para Ação Imediata**

**Elaboração da agenda com metas a serem atingidas em pelo menos um trimestre.**

## **COMO ELABORAR A AGENDA PERSONALIZADA**

A figura eixo para coordenar a dinâmica da elaboração da agenda personalizada será indicada pela equipe da casa.

Essa figura deverá apresentar um perfil com indicadores de facilidade de comunicação e relacionamento (poderá ser um técnico, ou o coordenador pedagógico ou um agente de educação referência). Esse profissional deverá polarizar as informações, reunir-se e estabelecer com o grupo de trabalhadores/família/ adolescente as metas à serem atingidas, no prazo de três meses.

As metas não deverão ultrapassar o número quatro, numa escala de um a dez, indicando desafios que necessitem de reforço e o que potencializarão qualidades/competências identificadas no jovem.

Ao chegar à Unidade, o adolescente será recebido, recepcionado pela equipe, e deverá conhecer as instalações da Unidade, seus regulamentos, normas e rotinas.

Após este espaço de conhecimento, a equipe deverá entregar a ele o questionário intitulado "Auto Retrato", que permanecerá com o adolescente pelo prazo máximo de três dias para ser respondido. Caso apresente dificuldade para responder, o "Agente referência" deverá auxiliá-lo.

Preenchido o questionário, todos os profissionais envolvidos no atendimento deverão conhecer os conteúdos deste instrumental, bem como o estudo de caso desenvolvido na UIP ( Indicativos de Percepção para ação Imediata )e iniciar com o jovem e familiares, a discussão das metas que ele se proporá a cumprir no prazo de três meses.

Estes instrumentais não substituem outros que a equipe das áreas pedagógica, social, psicológica e médica utilizam para a sondagem de informações específicas.

AGENDA

PERSONALIZADA

## JUSTIFICATIVA

Objetivando recolocar as discussões sobre metodologia de trabalho desenvolvida pelas equipes técnicas da Febem e centrando o foco nos registros do atendimento, propomos um conjunto de instrumentais embasados na proposta do "Novo Olhar", que abordam os vários momentos e situações desse atendimento, com a intenção de colaborar para que se estabeleça uma linha de planejamento e avaliação mais consistente e clara da ação sócio - educativa.

Fundamentalmente, os instrumentais aqui propostos confirmam os fortes propósitos de que uma ação sócio - educativa competente, consistente e construída efetivamente seja desencadeada e sustentada por todos os envolvidos no processo, privilegiando os espaços de manifestação do adolescente e de sua família. Para tanto, é necessário se faz que as ações se dêem através de um Plano Personalizado de Atendimento.

O Plano Personalizado de Atendimento exige o envolvimento de todos os responsáveis pelo processo de atendimento, do adolescente e de sua família. Há que criar espaços concretos de manifestação para que possamos conhecer melhor o jovem, seus anseios, suas necessidades, suas competências etc., traduzindo tais informações em ações, providências e firmando compromissos. Os instrumentais elaborados tentam dar conta de todos estes aspectos, objetivando garantir registros mais equilibrados e claros, de modo a orientar a ação educativa.

O uso de tais instrumentais exige condições favoráveis para seu desenvolvimento, bem como profissionais conscientes e capacitados para a ação que se pretende desenvolver com base nos dados coletados.

Por outro lado, para que a implantação deste Projeto Pedagógico, assim como o Plano Personalizado de Atendimento tenha sucesso no cumprimento dos objetivos propostos, faz-se necessário em um primeiro momento, a realização de um seminário com a presença de todos os profissionais envolvidos com a questão do adolescente em conflito com a lei, a saber: Poder Judiciário, parceiros externos e profissionais da Fundação. Tal evento mostra-se fundamental enquanto primeiro encontro de planejamento de ações, quando a partir de então seriam organizadas oficinas regionais com o intuito de aprofundar discussões e implantar os instrumentais de modo a concretizar a proposta pedagógica propriamente dita.

## **AGENDA EDUCACIONAL PERSONALIZADA**

Neste primeiro documento inicial, os esclarecimentos a seguir estarão restritos ao trabalho a ser desenvolvido com os adolescentes em cumprimento da medida sócio-educativa de internação.

A condição do adolescente como sujeito de direitos e pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, implica uma ação pedagógica que respeite as singularidades e garanta um atendimento personalizado.

A Agenda Educacional é um instrumento do Plano Personalizado de Atendimento que irá nortear ações para uma atuação educacional consistente junto ao jovem em cumprimento da medida sócio-educativa.

Deste modo a referida agenda é um instrumento de intervenção sócio-educativa, que resulta do conhecimento e do relacionamento desenvolvido entre o adolescente e os funcionários, estabelecido desde o início do processo jurídico-educacional, no NAI (Núcleo de Atendimento Inicial).

Este conhecimento é iniciado durante a internação provisória, quando enfatizam-se aspectos da vida pregressa do adolescente, norteadores para a futura elaboração da agenda, na unidade de internação, quando então serão aprofundadas as questões relativas às suas perspectivas presentes e futuras.

A possibilidade de construção da agenda personalizada se apresenta a partir do momento em que, por um lado, passamos a conhecer o adolescente e por outro, lhe proporcionamos condições de auto-conhecimento.

Essa agenda educacional personalizada, deverá ser construída pelos profissionais com o adolescente e sua família. Todas as informações obtidas no estudo de caso neste período, serão consideradas para a construção da agenda.

Os dados obtidos através do estudo de caso e instrumentais utilizados (indicadores de percepção para ação imediata e auto-retrato) serão os indicadores que nortearão os pontos a serem tocados, e constituem a base da construção da agenda educacional, onde serão traçadas as metas e os passos a serem percorridos pelo educando incluindo todos os aspectos a serem trabalhados no período de internação, bem como as providências a serem tomadas e os caminhos a serem percorridos para o alcance das metas propostas, nos seguintes aspectos:

- Físicos:** o que se deseja alterar e aprimorar na aparência física;
- Saúde:** serão considerados todos os aspectos da saúde em geral;
- Hábitos:** aqueles que o adolescente possui e deseja abolir ou adquirir;
- Educação formal:** metas e expectativas do adolescente quanto a sua escolarização;
- Áreas do conhecimento** que deseja ou necessita aprofundar-se;
- Trabalho:** experiências que já teve no mundo do trabalho; oficinas produtivas e cursos disponíveis, que deseja frequentar; cursos externos que gostaria de ter

- ✓ Esporte : atividades desportivas que quer se inserir; esportes que já participou e que deseja aperfeiçoar-se;
- ✓ Cultura: foco de interesse já desenvolvido ou que quer desenvolver;
- ✓ Lazer : atividades de lazer que se identifica ou que quer conhecer;
- ✓ Relação familiar: serão analisadas suas relações com sua família, avaliando-se os aspectos necessários de intervenção, ou alteração;
- ✓ Relações afetivas e sociais: como são essas relações, a importância delas em sua vida e o espaço que ocupam no conjunto de suas atividades;
- ✓ Relações com a sociedade mais ampla: devem ser considerados os aspectos da cidadania e participação do jovem na sua comunidade.

As metas devem focar o alcance de condições, de situações e de ações concretas que possam ser observadas, sentidas, medidas e avaliadas em seus resultados.

A partir daqueles conhecimentos e auto- conhecimento desenvolvidos no processo sócio-educativo, delinea-se com ele, familiares e educadores, o que deve ser adquirido, alterado, mantido, aperfeiçoado e suprimido durante o período de internação. Importa nesta caminhada que os ideais, os desejos, as expectativas passem pelo crivo da razão e da racionalidade, ou melhor, sejam transformados em metas a serem atingidas em curto, médio e longo prazo.

Num primeiro momento, o adolescente pode escolher pequenas metas. O importante é que elas sejam incorporadas por ele com desejo e responsabilidade. São múltiplas as possibilidades apresentadas pelos adolescentes, mas em todas elas importa que o próprio protagonize este processo de definição de metas para si mesmo.

Cabe ao educador facilitar este processo, ajudando-o a discernir o que poderá ser desenvolvido durante o período de internação na unidade, e o que poderá ser desencadeado no momento, para prosseguimento após a desinternação. Da mesma forma cabe-lhe ajudar a discernir o que não será possível realizar durante o período de internação. A participação dos educadores neste processo deve sempre visar a capacitação do adolescente para determinar, ele próprio, as metas que pretende alcançar.

Para tanto o trabalho deverá ser voltado para a responsabilização das ações do jovem, através de práticas e vivências, tendo como base a educação para valores; trabalho este a ser desenvolvido também com os familiares do jovem.

Tendo-se, então, delineado as metas a serem atingidas, pode-se passar a estabelecer um paralelo entre o que o adolescente é e pretende ser, abstraindo da diferença entre uma a outra condição, os indicadores daqueles aspectos que precisam ser trabalhados durante a estada na unidade.

Parte-se da visão que se tem do adolescente como ele é e do que pretende ser, para se chegar ao que deve ser buscado em termos de conhecimentos, vivências, habilidades, capacidades, hábitos, atitudes e comportamentos. É importante salientar que este plano é do adolescente partindo de um compromisso interno, firmado por ele

Após a construção de seu plano individual o jovem deverá apresentá-lo em reunião coletiva para todos os membros da unidade. Esta é uma forma de fortalecer o compromisso do adolescente com suas metas perante si, perante o grupo de iguais, perante os técnicos e os membros da família.

Cabe à instituição, de sua parte, adotar as medidas para promover o acesso às condições necessárias ao cumprimento das metas do adolescente. As atividades devem propiciar os conteúdos e os instrumentos requeridos, bem como orientar os passos em direção às metas. Para tanto deve-se congregiar os esforços/recursos internos e externos a ele (recursos comunitários). Se necessário, devem ser contratados serviços especializados.

Cabe à família, de sua parte, estar presente neste momento de vida do jovem, acompanhando-o e incentivando-o em seus progressos, assim como orientando-o positivamente caso haja retrocessos.

Cabe ao adolescente, de sua parte, participar ativamente de seu processo educativo, empenhando-se em adquirir as condições necessárias à realização das metas que traçou para si mesmo.

Aprendendo a gostar de si mesmo e a buscar o seu bem-estar físico, mental e emocional, passa também a aprender a dar o melhor de si e a receber o melhor dos outros.

São as pequenas e sucessivas realizações nas atividades das quais o adolescente participa, e nas relações interpessoais que estabelece cotidianamente, que ele tem oportunidade de passo a passo, ir se descobrindo e reelaborando sua auto-imagem e auto-estima.

No decorrer do tempo, cumulativamente, o adolescente vai adquirindo a segurança e a auto-confiança necessárias para caminhar em direção aos seus ideais e sonhos.

Nesta fase do processo sócio-educativo é fundamental que as atividades desenvolvidas na unidade passem a propiciar condições de perceber, sentir e valorizar que tem de melhor. É importante ensinar/aprender a ver o lado bom das coisas, enxergar seus méritos e possibilidades; suas qualidades e seus merecimentos.

Este processo de ensino-aprendizagem se dá em todos os momentos, desde a higiene e cuidados pessoais; a arrumação e conservação de seu quarto, da sala de aula, do banheiro, enfim dos ambientes que habita.

Este processo sócio-educativo tem como força geradora o protagonismo juvenil e a presença educativa dos agentes institucionais.

O protagonismo juvenil é fundado na auto-confiança e determinação do adolescente e a presença educativa, no acompanhamento sistemático do seu desenvolvimento, nas atividades educativas, realizadas cotidianamente pelos professores, instrutores e principalmente pelo agente de educação.

O acompanhamento consiste em :

✓ observar e documentar os avanços e retrocessos, facilidades e dificuldades, sucessos e insucessos apresentados pelo adolescente face ao previsto na agenda personalizada;

- ✓ indicar e fomentar ações voltadas ao aprimoramento do atendimento prestado;
- ✓ facilitar e incentivar a comunicação entre as partes envolvidas no processo educacional;
- ✓ articular as ações desenvolvidas nas diferentes atividades da unidade em função ao previsto na agenda do adolescente.

O acompanhamento deve se processar diariamente nas salas de aula, nas oficinas, no refeitório, nas quadras poli-esportivas etc. Não se trata de uma observação fria e distante como de quem vigia, controla e examina, pelo contrário é uma ação que se processa de forma compartilhada, participante e interativa. Ao mesmo tempo que observa, intervém orientando, ouvindo, esclarecendo, estimulando apoiando.

Visto que seria inviável todos os educadores acompanharem todos os adolescentes, cada agente de educação responderá pelo acompanhamento de seis adolescentes. Manterá consigo um caderno de campo onde registrará as principais ocorrências, providências, encaminhamentos feitos ou a fazer, bem como, e principalmente, o desenvolvimento que vem apresentando em relação aos compromissos e metas definidos na agenda.

Como não existem modelos pré-definidos a que os adolescentes devam se enquadrar, os aspectos a serem observados e acompanhados pelos agentes de educação, e professores e instrutores varia caso a caso, de acordo com o plano de metas de cada adolescente.

A agenda educacional pode e deve ser alterada de acordo com o envolvimento, progresso ou retrocesso apresentado pelo adolescente. Estas alterações poderão ser feitas em reuniões semanais de acompanhamento ou sempre que houver necessidade. Isso pode acontecer quando, após avaliação conjunta entre educadores, responsáveis e o adolescente, puder concluir-se pela necessidade de redefinição ou introdução de novas metas.

Neste sentido, os diferentes profissionais que atuam no atendimento ao adolescente propiciarão momentos de avaliação das metas e objetivos elencados no plano inicial. Serão então discutidos novos passos ou novas metas. Isto significa dizer que este instrumento de intervenção é dinâmico, estando sempre em processo contínuo de avaliação e mudança.

Por outro lado, ocorrerão ainda reuniões mensais, coordenadas pelo assistente social da direção da unidade, onde os participantes (agente de educação, professores, instrutores, e, se for o caso, responsáveis e o Juiz de Comarca) terão oportunidade de apresentar e discutir não só os resultados alcançados, mas também quais foram (ou deverão ser) os conteúdos abordados e as estratégias de ação adotadas. A presença dos responsáveis e da autoridade judiciária se faz importante para a discussão sobre perspectivas de colocação profissional, frequência a escola externa à unidade, visita ou permanência aos finais de semana com a família, saídas a passeio, enfim, situações que impliquem em saída da unidade e interações com o meio externo.

Todos estes acontecimentos, alterações referentes à agenda educacional, devem

verão estar arquivados a própria agenda educacional personalizada e todos os demais instrumentais de registro de aproveitamento e desenvolvimento do adolescente nas atividades escolares, culturais, esportivas e laborais. Esta forma de registro e armazenamento de dados será dinamizado e otimizado mediante sistema informatizado, em rede, com a Justiça.

Como o plano faz parte do projeto de vida do adolescente, sua continuidade será após a desinternação ou na medida de progressão que possa vir a ser aplicada.

Ressaltamos ainda que conforme o anteriormente mencionado, haverá acompanhamento diário, com feed-back semanal ao jovem e eventualmente aos familiares, ou seja, sempre que atendidos.

Será elaborado relatório trimestral de acompanhamento, contendo o plano de ação, as metas definidas e o cumprimento das mesmas, considerando aspectos facilitadores e dificultadores à progressão do jovem em seu processo.

## AUTO RETRATO

### 1. QUEM SOU?

- 1.1. Meu nome \_\_\_\_\_  
1.2. Meu apelido: \_\_\_\_\_ Quem deu? \_\_\_\_\_  
1.3. Data do meu nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
1.4. Minha religião: \_\_\_\_\_ Sou praticante? Sim  Não   
1.5. Meu endereço residencial: \_\_\_\_\_  
1.6. Estou morando com: \_\_\_\_\_

### 2. MEUS DOCUMENTOS?

- 2.1.  Certidão de nascimento  
2.2.  Título Eleitoral  
2.3.  Cédula de identidade  
2.4.  Carteira de Trabalho  
2.5.  CPF

### 3. MINHA TRAJETÓRIA ESCOLAR

- 3.1. Já frequentei escola  Sim  Não  
3.2. Comecei a estudar com \_\_\_\_\_ anos  
3.3. Frequentava escola ultimamente  Sim  Não

Nome da escola: \_\_\_\_\_  
Localização: Rua: \_\_\_\_\_  
Série: \_\_\_\_\_

3.4. Minha opinião sobre:  
meu relacionamento com colegas: \_\_\_\_\_  
com professores: \_\_\_\_\_

com demais funcionários da escola: \_\_\_\_\_

o que mais gosto na escola: \_\_\_\_\_

o que menos gosto: \_\_\_\_\_

assunto/matéria que acho mais interessante: \_\_\_\_\_

assunto /matéria que acho menos interessante: \_\_\_\_\_

pessoas que foram mais marcantes na escola: \_\_\_\_\_

Por que? \_\_\_\_\_

#### 4 MINHA EXPERIÊNCIA DE TRABALHO

4.1. Já me dediquei a alguma atividade de trabalho?

Sim

Quais? \_\_\_\_\_

Não  Por que? \_\_\_\_\_

4.2. Tenho registro em Carteira? \_\_\_\_\_

4.3. Trabalhei sem registro? \_\_\_\_\_

4.4. Caso tenha trabalhado, em quê? \_\_\_\_\_

4.5. Quando fui apreendido, estava trabalhando?

Sim

Não

4.6. Se estava, onde e em que função? \_\_\_\_\_

4.7. Se não estava, por quê? \_\_\_\_\_

#### 5. COMO ESTÁ MINHA SAÚDE

5.1. Tenho algum problema de saúde?

Sim

Não

5.2. (Caso tenha respondido que sim, qual?) \_\_\_\_\_

5.3. Tomo medicação? (Qual?) \_\_\_\_\_

5.4. Não vou a um médico faz: \_\_\_\_\_ dias \_\_\_\_\_ meses \_\_\_\_\_ anos.

5.5. Já usei drogas:

álcool

maconha

cocaína

crack

outros

5.6. No momento estou usando:

álcool

maconha

cocaína

crack

outro

5.7. Frequentei algum programa de tratamento para dependentes de drogas?

Sim

Não

5.8. Estive internado em alguma clínica?

Sim

Não

#### 6. MINHA FAMÍLIA

6.1. Ultimamente meu relacionamento com minha família tem sido: \_\_\_\_\_

6.2. Tenho companheira?

Sim

Não

Tenho filhos?

Sim

Não

Idade: \_\_\_\_\_

Eles moram com: \_\_\_\_\_

6.3. Ocupação dos meus pais: Mãe: \_\_\_\_\_

Pai: \_\_\_\_\_

6.4. Minha companheira trabalha?

Sim

Não

Local onde ela trabalha: \_\_\_\_\_

6.5. Tenho irmãos que trabalham? (Se você tem diga onde trabalham e o que eles fazem): \_\_\_\_\_

## 7. MINHAS ATIVIDADES SOCIAIS

7.1. Desenvolvo atividades sociais, tais como:

**Dança**  
Quais? \_\_\_\_\_

**Música**  
Toco instrumento (Qual?) \_\_\_\_\_

**Arte, outras expressões artísticas**  
Que tipo? \_\_\_\_\_

**Esportes**  
Pratico esses esportes: \_\_\_\_\_

Pratico nesses lugares: \_\_\_\_\_

7.2. Os lugares que eu frequentava para encontrar pessoas amigas eram esses: \_\_\_\_\_

7.3. As pessoas que eu mantenho amizade têm as idades de: \_\_\_\_\_

7.4. As pessoas que eu mais gosto de ter amizade são: \_\_\_\_\_

8. Neste momento as minhas principais preocupações são: \_\_\_\_\_

meus desejos são: \_\_\_\_\_

meus sonhos são: \_\_\_\_\_

minhas aflições são: \_\_\_\_\_

minhas esperanças são: \_\_\_\_\_

minhas necessidades mais urgentes são: \_\_\_\_\_

# AGENDA PERSONALIZADA

Adolescente: \_\_\_\_\_

Analista Técnico

Objetos	Responsáveis / Envolvidos					Agente de Educação Referência:			
	Adolescente	Família Quem?	Outros Quem?	FEBEM Quem?	Serviços Quais?	Local	Horário	Forma	Período Proposto

Solução:  Resultados:	<b>Responsáveis pelo compromisso:</b>

## PLANO PERSONALIZADO DE ATENDIMENTO

cente:

Módulo:

Agente referência:

relato da situação do adolescente com perspectivas de investimentos resumidas nas metas da agenda personalizada)

# AGENDA PERSONALIZADA

Adolescente:

Meta:

Estratégias	Responsáveis (Nomes)	Programação			Registro de Evolução
		Local	Período	Forma	

## AUTO AVALIAÇÃO DO ADOLESCENTE

## AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

(Elaborado no prazo máximo de 90 dias ou quando constatada a necessidade de alteração, substituindo outras ou traçando outras para o período posterior a 90 dias)

### Assinaturas:

Do Adolescente  
Ag. Referência  
Familiar  
Outros

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_



## RELATÓRIO DO II CAMPEONATO INTERNO DE XADREZ

Campinas, Quatorze de Agosto de Dois Mil e Quatro.

O evento descrito acima foi no Ginásio Mauro Pinheiro (Complexo Esportivo do Ibirapuera) em São Paulo, no dia treze de agosto de dois mil e quatro. A saída prevista para a viatura do Internato Jequitibá buscar os demais adolescentes da UIP5 Amazonas foi às oito horas e trinta minutos da manhã, com o adolescente C. S. B. que foi o segundo colocado no campeonato regional classificatório para este evento, e o funcionário CARLOS FRANCISCO ALEXANDRE, RE 22.048-6, que venceu no campeonato regional na categoria funcionários. Porém, por motivos não esclarecidos com antecedência, o adolescente C. S. B. não foi liberado para participar do evento. Os motivos alegados foram: (a) que não haveria escolta policial, o que não correspondeu com a realidade pois a UIP5 Amazonas já havia providenciado a escolta; (b) de que o adolescente era reincidente grave, o que também questionamos pois o adolescente que buscamos na UIP5 tratava-se de um adolescente reincidente gravíssimo; (c) que o adolescente não queria ir, para participar de um curso dentro da unidade, o que também suspeitamos não condizer com a realidade pois o mesmo se dedicou a semana inteira para o campeonato de xadrez, chegando a pedir no dia anterior um tabuleiro de xadrez à Analista Ana Rita, para treinar dentro do quarto após o horário do pátio. Entramos em contato com o diretor da unidade para tentar saber o real motivo da não permissão do adolescente em participar da saída à São Paulo, e o diretor reforçou o motivo alegado de não possuir escolta até São Paulo e que conversaria conosco mais tarde, contudo, em ligação telefônica às quinze horas, o diretor já havia se ausentado da unidade. Mesmo assim seguimos para São Paulo acompanhando o funcionário acima e os adolescentes da UIP5 Amazonas, sem o adolescente C.S.B. A viagem foi tranqüila, em nenhum momento houve algum tipo de atitude negativa da parte dos adolescentes presentes ou dos demais acompanhantes, seguindo viagem ao som da música do rádio da viatura. Ao chegarmos no local do evento, fomos informados pelas Supervisoras Esportivas Deca e Ivani de que o adolescente que se classificou em terceiro lugar no campeonato regional também foi convocado, pois a organização temia que as unidades em greve não enviassem seus adolescentes, causando o esvaziamento do evento. Os jogos iniciaram às doze horas e trinta minutos, pelo sistema Suíço de emparceramento e pontuação, com cinco rodadas, onde nosso único representante, o funcionário Carlos ganhou a segunda e a quarta rodadas e perdeu as outras três, se classificando em oitavo lugar na categoria funcionários. A participação dos adolescentes da UIP5 Amazonas foi classificada pelo professor Guilherme como boa, pois o grau de dificuldade do campeonato era grande, ficando estes adolescentes, um em décimo quarto e o outro em vigésimo sexto. Todos os jogadores receberam da organização do evento uma camiseta, medalha de participação e almoço. Solicitamos à Supervisora Deca que, se possível, providenciasse uma camiseta do evento para o adolescente C.S.B., que não pode estar presente. A todos

que nos perguntavam pelo adolescente C.S.B., respondíamos os motivos que nos foram alegados, e estes se indignavam com o desrespeito ao nosso trabalho. Apesar deste inconveniente, aproveitamos a presença das autoridades da DAESP e solicitamos a participação da nossa unidade na Oficina de Bolas da Febem, e reivindicamos providências para impedir a perda de materiais esportivos da quadra para a vizinhança. Fomos orientados a encaminhar Comunicado Interno (C.I.) para o DOP via DAESP, aos cuidados do senhor Paulo Ferreira, solicitando reparos nas quadras e uma rede de proteção em cima das mesmas, e que entrássemos em contato com o senhor Moreira da DAESP por C.I. solicitando o treinamento de funcionários do setor pedagógico para a Oficina de Bolas. Após o término das rodadas de jogos, deu-se a premiação e o encerramento do evento, às dezessete horas e vinte minutos, onde todos os participantes se dirigiram às suas respectivas unidades, com a entrega de lanches aos adolescentes presentes. Devido ao trânsito na cidade de São Paulo, entregamos os adolescentes e funcionários na UIP5 Amazonas às dezenove horas e dez minutos, e retornamos ao Internato Jequitibá às dezenove horas e vinte minutos. Avaliamos este evento como muito positivo e incentivador aos adolescentes e funcionários das unidades, por praticarem o xadrez como esporte e como atividade recreativa. Ao funcionário que participou pelo Internato, pela dedicação, respeito e valorização desta modalidade, tanto no Internato como em seus horários de folga, o nosso muito obrigado e parabéns pela boa classificação obtida. Ao adolescente C.S.B., aguardamos a apuração dos fatos para os devidos esclarecimentos, mas também fica nossa gratidão pela dedicação e esforço em se aprimorar no xadrez, e a tentativa de mostrar o seu talento neste esporte. Sem mais a relatar, subscrevemos,

Cristina Silva da Mata  
RE 20.949-1

Ana Rita Ratzat  
RE 23.946-0

## ANEXOS II

### O OLHAR DE QUEM ESTÁ LÁ FORA



**FOLHAONLINE**

02/11/2002 - 03h11

## **OEA vai investigar denúncias contra Febem**

**GABRIELA ATHIAS**  
da Folha de S.Paulo

A Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA (Organização dos Estados Americanos) vai investigar denúncias de violações de direitos de internos da Febem de São Paulo. Essa é a primeira vez que a OEA acata uma denúncia contra a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor.

O Itamaraty -por meio da representação na OEA- e a Secretaria Nacional de Direitos Humanos (Ministério da Justiça) são os que respondem pelas acusações.

Essa não é a primeira vez que a Febem é alvo de constrangimento internacional. Em setembro de 2000, Nigel Rodley, relator do Comitê contra a Tortura da ONU (Organização das Nações Unidas), visitou uma unidade da Febem e incluiu a instituição num relatório sobre violações de direitos humanos.

Antes de aceitar uma denúncia contra seus países-membros, a comissão certifica-se de que o Estado acusado tenha esgotado os mecanismos internos de apuração do fato reportado.

No caso da Febem, um dos argumentos para acatar a denúncia foi a atitude do Tribunal de Justiça em relação às sentenças decorrentes de ações civis públicas apresentadas na Justiça pelo Ministério Público de São Paulo.

### **Casos**

O relatório cita oito ações civis públicas que pedem melhorias nas unidades de internação. Todas foram julgadas favoravelmente em primeira instância e derrubadas por meio de liminares no Tribunal de Justiça.

Para a comissão, há um "padrão" nas ações do TJ: cassar todas as sentenças e liminares, alegando "segurança pública".

A ação contra a Febem tem uma particularidade: os chamados casos exemplares (casos individuais de maus-tratos e tortura) estão sendo usados apenas como base para que os petiçãoários (advogados de acusação da comissão) possam conseguir a condenação da Febem como instituição.

Atuam como petiçãoários no caso da Febem o Cejil (Centro pela Justiça e o Direito Internacional) e a Comissão Teotônio Vilela.

**Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u62050.shtml>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



**FOLHA DE S. PAULO**

**FOLHAONLINE**

---

02/11/2002 - 03h15

## **Fundação afirma que já foram feitas mudanças**

da Folha de S.Paulo

A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor se pronunciou por meio de nota oficial, informando que o relatório da OEA (Organização dos Estados Americanos), que relatou denúncias de maus-tratos nas unidades, "mostra-se completamente defasado e não corresponde à realidade".

Segundo a nota, as visitas descritas no relatório, datadas de 1999 e 2000, estão defasadas porque três unidades citadas já foram fechadas e novas, construídas - 11 entregues em 2001 e 14 neste ano.

De acordo com a Febem, os jovens atualmente praticam atividades e não têm tempo ocioso. A Febem também informou que neste ano foi registrado apenas um incidente nas unidades.

A reportagem da **Folha** ligou para a assessoria de imprensa do TJ (Tribunal de Justiça) do Estado de São Paulo às 18h de anteontem e recebeu a informação de que telefonariam de volta. Meia hora depois, a mesma resposta. Às 19h10, o telefonema não foi atendido.

A reportagem deixou ontem recado em três celulares de assessores do TJ, já que não havia expediente no tribunal.

Ontem também não houve expediente na Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, mas a reportagem ligou para o celular da assessora de imprensa, que não atendeu as ligações.

---

### **Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u62051.shtml>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



**FOLHA**ONLINE

15/12/2004 - 11h17

## **Internos da Febem fazem vestibular e chegam a faculdade**

**CAMILA MARQUES**  
da Folha Online

A Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor de São Paulo) anunciou na terça-feira (14) a demissão de Rosely Carvalho, diretora da unidade de internação 2 do Tatuapé, na zona leste da capital, e de quatro coordenadores de sua equipe, após a acusação de agressão contra os internos.

A entidade, que já sofreu várias críticas justamente pelos maus tratos àqueles que deveria educar, também é capaz de registrar fatos positivos. São adolescentes que superaram, de um jeito ou de outro, todas as dificuldades desse meio em que sobreviver faz parte do dia-a-dia.

Neste mês de dezembro, 13 deles receberam a notícia que passaram no vestibular. Um fato comemorado à exaustão por todos. Após anos de estudos em um ambiente hostil, encontrar o nome na lista de aprovados junto a outros que vivem além dos muros da fundação, merece mesmo ser comemorado.

Dos milhares de alunos que concluíram o ensino médio este ano no Estado e tentaram uma vaga nos bancos universitários, 21 eram da Febem.



C. Guatelli/Folha Imagem Eles fazem parte de um universo de 111 menores que terminaram os estudos dentro de alguma unidade da fundação e poderiam ter prestado um vestibular. Porém, segundo destaca a diretora da escola da Febem Tatuapé, Ana Lúcia Garcia Nunes, essa procura por um curso superior é uma semente plantada que só agora começa a render frutos. "Não é só um trabalho de educação, mas de recuperar a auto-estima desses meninos, que chega aqui completamente destruída. Aos poucos, eles percebem o que são capazes de fazer", diz.

No ano passado, 15 garotos da entidade prestaram vestibular. Desses, sete foram aprovados, a maioria para o curso de direito. Apesar de antes desse período outros jovens terem participado de concursos, foi só em 2003 que os dados começaram a ser organizados e tabelados pela Febem.

A Febem Tatuapé, a maior do Estado, possui 1.716 internos. O complexo é formado por 18 unidades, em que os adolescentes se dividem de acordo com o crime que cometeram. Na unidade 1, por exemplo, ficam os considerados de

nível grave. E é justamente dela que saíram os dois jovens aprovados do Tatuapé, para web designer e educação física.

Os outros internos, das unidades de Marília, Bauru, Iaras, Vila Maria e Raposo Tavares, foram aprovados para web designer, administração de empresas (2), ciências biológicas, direito (2), engenharia, veterinária, sistemas da informação, técnica em mecânica e técnica industrial.

## Esforço



Internos no laboratório de informática

**P. Santos/Folha Imagem** Os dois aprovados da Febem Tatuapé se prepararam para o vestibular durante todo o ano, sempre contando com a ajuda dos professores fora do horário normal de aulas. "Eles me traziam livros de gramática, de química, resumos. Principalmente cópias de simulados de outros vestibulares", conta um dos internos, de 19 anos, que está na Febem desde outubro de 2002 e foi aprovado para o curso de web designer.

"O dia do vestibular foi um horror. Chegar a faculdade, ver gente pra caramba competindo com você. Mas deu medo mesmo na hora da prova. A perna de um tremia, o outro roía a unha, um batia a caneta na mesa. Deu medo. De não passar. Quando chegou o resultado, foi difícil acreditar", afirma.

Apesar do contato com o computador antes de ser internado, ele se interessou mais pela área por conta de cursos de computação e internet que fez dentro da Febem. Um deles, aliás, vai lhe garantir um estágio de seis meses como monitor assim que sair da instituição, no próximo mês. "Vou trabalhar de dia, estudar à noite e, nos fins de semana, ajudar na recreação de crianças nas escolas públicas [exigência para a manutenção de uma bolsa de estudos]. Será uma vida 100% nova", conta ele.

A rotina será parecida com o outro interno, de 18 anos, desde maio de 2003 na Febem e aprovado no vestibular de educação física. "Antes de vir para cá, já era ligado ao esporte. Surfava, jogava bola. E aqui, pude sair da [unidade]1 para a Casa do Atleta [unidade de nível médio, que abriga os alunos com aptidão para a prática esportiva] porque me acharam bom [no futebol]", diz.

## Vitória



Internos jogam futebol em quadra no Tatuapé

**C. Velleda/Folha Imagem** Para ambos, controlar a expectativa é o mais difícil a partir de agora. "Sabemos que fazemos parte de uma minoria. Como é difícil chegar à faculdade. Não estou com medo, mas sim com expectativa de ir pra lá [faculdade], começar uma vida nova. Vindo de onde a gente vem, é um sonho que nem foi sonhado", diz o interno de 19 anos.

"Quando entra na Febem, a pessoa logo pensa que viraram as costas para ela. É como se fosse o fim. É pior do que esquecerem de você, porque é como se o mundo estivesse contra. E transformar essa situação em outra realidade é uma coisa muito boa", continua. "Quero dedicar a realidade de hoje ao meu pai, que também está privado de liberdade.

Deixar bem claro para ele que eu vou mudar nossa história".

"Eu me sinto uma mãe realizada", define a mãe do interno de 19 anos. "Quando ele foi para lá, eu quis morrer. Achava que tinha perdido um filho. Não que fosse perdê-lo mesmo, mas tem muita gente que sai de lá e não se recupera", diz. A mãe lembra que, quando recebeu a notícia da aprovação do filho no vestibular, até perdeu a fala. "Estava indo almoçar e não conseguia nem andar, de tanta emoção. Do outro lado, me contaram que ele ficou emocionado".

O outro interno conta que, antes de entrar para a Febem, nunca tinha imaginado cursar o ensino superior. "Nem passava pela minha cabeça. Nunca imaginei ter um futuro com uma profissão, ainda mais depois de entrar aqui [na Febem]", afirma o rapaz. "Não tenho nenhum amigo ou conhecido que tenha chegado à faculdade".

### **Bolsa**

Os 13 adolescentes que passaram no vestibular terão bolsas de estudos pelo programa Escola da Família, da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

O programa é uma parceira com mais 300 faculdades. Por ele, o governo paga 50% da bolsa de estudos de um aluno e a faculdade os outros 50%. Em troca, o jovem que fizer parte do Escola da Família trabalha, nos fins de semana, em um colégio público próximo de sua residência, ajudando na organização de atividades e recreação infantil.

### **Especial**

- [Leia o que já foi publicado sobre a Febem](#)
- 

### **Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u16714.shtml>

### **Links no texto:**

Leia o que já foi publicado sobre a Febem

<http://search.folha.com.br/search?q=Febem&site=online&src=redacao>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



**FOLHAONLINE**

04/12/2002 - 03h22

## **Relatório diz que ano foi negativo para direitos humanos no país**

**ALESSANDRO SILVA**  
da Folha de S.Paulo

O ano de 2002 foi negativo para os direitos humanos no Brasil, afirmou o diretor do Centro de Justiça Global, James Cavalaro, ontem, no lançamento do relatório anual da entidade na Assembléia Legislativa de São Paulo.

"Este ano será lembrado como o da garantia de impunidade na chacina de Eldorado dos Carajás, o ano em que se descobriu o controle do crime organizado no Espírito Santo e pelo caso da morte do jornalista Tim Lopes", disse.

No primeiro caso, dos 146 policiais militares do Pará julgados pela morte de 19 sem-terra em 96, apenas dois foram condenados e apelam da decisão em liberdade.

Sobre o Espírito Santo, não passou pelo governo federal o pedido de intervenção feito por entidades após o assassinato do advogado Joaquim Marcelo Denadai, em abril. Neste mês, outro escândalo derrubou a cúpula da PF no Estado. O agricultor Manoel Correa da Silva Filho, que testemunharia contra um coronel da PM do Estado supostamente envolvido com grupo de extermínio e roubo de carga, foi morto na prisão.

O relatório de 200 páginas, editado em português e inglês, inclui também denúncias de tortura, de violência policial, no campo, casos de discriminação racial, problemas no sistema prisional e trabalho escravo, entre outros. Há ainda sugestões de medidas.

Para a finalização do documento, o Centro de Justiça Global visitou o Distrito Federal e 13 Estados, entre eles Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Paraná.

### **São Paulo**

O aumento das mortes em confronto com a polícia (de 2001 para 2002), mais as ações de infiltração de presos em quadrilhas pela PM e práticas de tortura contra internos da Febem garantiram capítulos à parte ao Estado de São Paulo.

O secretário da Segurança Pública do Estado, o promotor Saulo de Castro Abreu Filho, ex-presidente da Febem, recebeu críticas na divulgação do relatório.

Para o advogado Ariel de Castro Alves, da Comissão de Direitos Humanos da

OAB/SP, Abreu Filho restringiu o acesso de entidades de direitos humanos às unidades da Febem. "Essa calma [sem rebeliões] de hoje tem sido obtida por meio da intensificação de torturas e maus-tratos", disse. A Febem nega essas práticas.

O deputado Renato Simões (PT), presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia, afirmou que o secretário implantou uma política de inteligência policial dominada por abusos, citando as ações de PMs do Gradi (Grupo de Repressão e Análise de Delitos de Intolerância), investigados por tortura e homicídios. "O secretário é uma ameaça à democracia."

O secretário, por meio de sua assessoria, informou que não falaria sobre o Gradi nem responderia às críticas. Sobre a Febem, afirmou que as entidades passaram a ter de agendar as visitas para que "não interferissem na agenda educativa dos internos". Promotores não precisam disso.

---

#### **Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u64047.shtml>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



**FOLHA DE S. PAULO**

**FOLHA ONLINE**

---

14/11/2003 - 16h50

## **Maioria absoluta dos internautas quer redução da maioria penal**

da Folha Online

A maioria absoluta dos leitores da **Folha Online** acha que a maioria penal deve ser reduzida de 18 para 16 anos, opinião também defendida por Ari Friedenbach, pai da estudante Liana Friedenbach, 16, que foi morta com o namorado, Felipe Silva Caffé, 19, em Embu-Guaçu, na Grande São Paulo, na semana passada. A opinião é compartilhada ainda pelo presidente do TST (Tribunal Superior do Trabalho), ministro Francisco Fausto, e pelo cardeal arcebispo de Aparecida do Norte (SP), dom Aloízio Lorscheider.

Até as 16h50, foram mais de 25 mil votos em enquete sobre o tema.

A minoria dos internautas (2%) disse acreditar que, o adolescente deve cumprir medidas na Febem onde pode ficar, no máximo, por três anos.

O resultado desta enquete não tem valor de amostragem científica e se refere apenas a um grupo de usuários da **Folha Online**.

Os namorados estavam desaparecidos desde o último dia 31, quando foram acampar em um sítio abandonado em Embu-Guaçu, na Grande São Paulo. No dia 1º, Champinha e Pernambuco seguiram para pescar na região quando viram o casal.

Os corpos das vítimas foram encontrados na última segunda-feira (10). Liana e Felipe mentiram sobre a viagem para os pais. Liana havia dito que iria para Ilhabela, no litoral, com um grupo de jovens da comunidade israelita.

A família de Felipe disse que sabia que o rapaz iria acampar, mas acreditava que ele estaria com amigos.

### **Leia mais**

- [Estudante foi violentada e torturada por acusados, diz polícia](#)
- [Pai de Liana quer redução da maioria penal](#)
- ["Não tenho ódio, mas jamais perderei", diz mãe de Felipe](#)
- [Mãe ainda não crê na participação do filho na morte de casal](#)

### **Especial**

- [Você é a favor da redução da maioria penal? Vote!](#)

---

**Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85588.shtml>

### **Links no texto:**

Estudante foi violentada e torturada por acusados, diz polícia  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85580.shtml>

Pai de Liana quer redução da maioridade penal  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85516.shtml>

"Não tenho ódio, mas jamais perdoarei", diz mãe de Felipe  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85515.shtml>

Mãe ainda não crê na participação do filho na morte de casal  
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u85514.shtml>

Você é a favor da redução da maioridade penal? Vote!  
<http://polls.folha.com.br/poll/0331601>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



Direitos Humanos

17/12/2003

DIREITOS HUMANOS

## Há 30 anos, Febem-SP encarcera e não recupera

Desde seu nascimento, Febem investe numa política de encarceramento dos menores infratores e não de sua recuperação social. O resultado são complexos superlotados, rebeliões e a prática institucionalizada da tortura.

> **Dossiê Febem**

MARIA PAOLA DE SALVO - 17/12/2003 17/12/2003

A Febem (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor) de São Paulo completou 30 anos na última sexta-feira (12) envolta em irregularidades e com pouco a comemorar. Nascida sob a repressão da ditadura militar em 1973, a instituição teve a "infância" e adolescência tão problemáticas quanto as dos menores que hoje abriga – as primeiras denúncias de tortura e maus-tratos vieram à tona já em 1977. A passagem para a vida adulta não foi diferente, marcada por rebeliões com mortes como a de Imigrantes, em 1999, e os freqüentes motins das problemáticas unidades de Franco da Rocha.

Em crise permanente, a instituição completa três décadas marcada pela política truculenta e violenta de encarceramento em grandes complexos, sem ter assimilado ainda as medidas socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), promulgado em 1990. Trocou de presidente mais de 60 vezes. É freqüente alvo de denúncias por parte do Ministério Público Estadual e já se tornou presença obrigatória em relatórios de entidades ligadas aos direitos humanos e de organizações internacionais, como a Anistia Internacional e a ONU (Organização das Nações Unidas).

"A Febem não tem nada a comemorar, e a única solução é a sua extinção". A avaliação é do professor doutor da Faculdade de Educação da USP Roberto da Silva, 42. Ele fala com o conhecimento de quem viveu dos três aos 17 anos confinado atrás dos muros da fundação e acompanhou a história da instituição de perto. Após a separação dos pais, veio com a mãe e três irmãos de São José dos Campos (SP) para São Paulo. Passaram fome e perambularam pelas ruas durante quatro meses, até serem atendidos pelo Juizado de Menores, que determinou a internação das crianças na Febem – na época (1964), a entidade também abrigava menores carentes e abandonados.

Há quarenta anos, o tratamento dado aos menores infratores e carentes era pautado pela Política Nacional do Bem Estar do Menor (PNBEM) e aplicado pela Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, a Funabem, criada em 1964 e que depois daria lugar às Febems. Baseados no código de menores de 1927, que previa o encarceramento, os militares pretendiam conter a criminalidade por meio do controle da população marginalizada, dentro do espírito da Doutrina de Segurança Nacional.

Foi essa a política que fundamentou a criação da Fundação Paulista de Promoção Social do Menor – Pró-Menor, em 12 de dezembro de 1973, apesar das pesadas críticas de setores da sociedade ao tratamento previsto no código de 1927. Em abril de 1976, a Pró-Menor se transformava na Febem. "Mais do que simples mudança nominal, a alteração evidenciou a adesão explícita às orientações gerais estabelecidas pela Funabem", ressalta o professor de história da USP, Fábio Bezerra de Brito. Policiais militares no lugar de monitores e carentes convivendo no mesmo espaço de infratores. Esta era a estrutura da instituição que nascia em 1976 e que deixaria seus rastros até hoje nos grandes complexos de Franco da Rocha e Tatuapé.

Para Roberto da Silva, a construção de todo esse sistema não foi obra do acaso. "Existia uma intencionalidade por parte dos militares: a de retroalimentação da violência. Neste ponto, a Febem foi

muito bem-sucedida, porque criminalizava as crianças órfãs ao mesmo tempo em que alimentava a violência e aumentava o poder dos militares”, explica.

De fato, quase 50% dos primeiros filhos da “geração Febem” viraram criminosos ou ajudaram a engrossar o número de presos do sistema carcerário. O destino de Roberto, hoje doutor, é exceção comparado à trajetória de seus colegas.

Durante 1997, ele levantou os casos de meninos internados na Febem de São Paulo, órfãos ou abandonados, que lá permaneceram por, pelo menos, dez anos consecutivos. Os internos não deveriam ter qualquer antecedente de atos infracionais e deveriam ter iniciado seu período de internação na primeira infância. Encontrou 370 meninos com os requisitos em mais de dez mil casos analisados. Do total desta amostra, 35,9% (135) transformaram-se em delinqüentes na vida adulta. “É acidental que a primeira geração de crianças tenha se transformado num bando de criminosos?”, questiona.

Passados 30 anos, a Febem continua tendo de lidar com altos índices de reincidência e criminalização. Dados do censo do sistema penitenciário revelam que 15% da população carcerária do Estado passou pelas unidades da Febem. Além disso, 19% dos 6.623 internos de hoje voltam à instituição depois que saem dela.

### **Complexos de rebeliões**

Com 69 unidades em todo o Estado, a Febem, desde sua fundação, jamais teve uma política de longo prazo para a construção de novas instalações para os menores. Desde a criação da Pró-Menor, a prioridade sempre foi dada aos grandes complexos. A maior parte das instalações são adaptações de estruturas construídas originalmente no início do século 20, como a Unidade de Triagem Sampaio Viana (antiga Roda da Santa Casa), e o complexo do Tatuapé, onde ficava o Instituto Modelo de Menores do Tatuapé.

A montagem da estrutura física da Febem começou, de fato, em 1976, e de lá para cá pouca coisa se alterou. São dessa época os complexos de Raposo Tavares e de Imigrantes, que abrigaria uma das piores rebeliões da história da instituição, em 1999. Por conta disso, o primeiro presidente da instituição, João Benedicto de Azevedo Marques, já enfrentava, em 76, os pesadelos da superlotação e da rebelião que tirariam o sono de governadores no futuro. A Febem nascia superlotada. “A superlotação começava já nos antigos RPMs [Recolhimento Provisório de Menores]. Onde a capacidade era 100, havia 600 internos”, afirma Marques, que diz sentir-se magoado com o atual estado da fundação.

Em agosto deste ano, o Ministério Público Estadual denunciava a superlotação na Unidade de Atendimento Inicial (UAI) do Brás, onde 700 internos eram literalmente espremidos em salas com capacidade para 62 pessoas. Pressionada pelo Ministério Público Estadual, que dava o prazo até 18 de novembro para a resolução do problema, a Febem transferiu os jovens para outras unidades já superlotadas. Mais uma vez a instituição optava pela estratégia do improviso e da adaptação. Dos 700 internos, 250 foram para o centro olímpico da unidade desativada de Raposo Tavares, que recebeu uma reforma. O restante foi encaminhado para as unidades de Tatuapé e Vila Maria, que, segundo informações da Febem, operam 6% acima do limite de suas capacidades.

O inchaço da UAI do Brás é reflexo, principalmente, da desativação e destruição do complexo de Imigrantes. Em 1992, depois da destruição de 14 das 16 unidades do complexo de Tatuapé, boa parte dos internos foram encaminhados provisoriamente para a unidade de Imigrantes, que antes abrigava carentes. O que era provisório ficou definitivo e o complexo começou a inchar. Em 1999, explodiu com uma rebelião que culminou com a tomada de reféns e a morte de quatro internos – um chegou a ser degolado.

Com a unidade destruída pelo fogo, os internos tiveram como destino a unidade do Brás e presídios como o Centro de Observação Criminológica do Carandiru e Cadeião de Pinheiros. Outros foram enviados para a unidade de Franco da Rocha, que ficou pronta em 2000 por obra da mesma construtora do complexo de Bangu, no Rio de Janeiro.

"As estruturas cheias favorecem as rebeliões, que causam as transferências, que por sua vez contribuem para a superlotação, como num ciclo vicioso", explica o promotor de Justiça da Vara Especial da Infância e da Juventude, Wilson Tafner. Assim, em vez de resolvidos, os problemas são apenas transferidos de unidade para unidade.

Para a presidência da Febem São Paulo, as rebeliões são atos de uma minoria de internos, que representam menos de 2% do total de menores sob responsabilidade da fundação. "Eles destroem a imagem de todo um trabalho que os outros 98% realizam", declarou Paulo Sérgio de Oliveira e Costa, presidente da entidade. "Mas é esta minoria que consegue alcançar as telas de TV, as páginas de jornais e as ondas do rádio, por meio de suas atitudes selvagens e irresponsáveis", disse.

No início desta semana, a entidade divulgou a oitava morte de menores sob sua responsabilidade somente este ano. De acordo com a instituição, na madrugada do domingo (14) domingo, após uma briga entre grupos rivais na unidade de Iaras, no Interior paulista, o jovem Ronaldo Xavier foi morto a golpes de facas improvisadas com restos de metais. Outros quatro jovens ficaram feridos, um deles em estado grave. A briga teria envolvido 40 dos 64 adolescentes internados nos dois módulos da unidade. A Febem instalou mais uma sindicância para saber se houve negligência ou omissão de funcionários.

### **Novas unidades**

Além da desativação da unidade 30 de Franco da Rocha prevista para o final de dezembro, o governo do Estado aposta na descentralização e construção de unidades menores para resolver o problema das rebeliões e aumentar as chances de reabilitação dos menores. Segundo a Febem, a instituição deu início a esse processo com a inauguração, em julho deste ano, da unidade de internação Tietê, localizada no Bairro de Vila Maria, na capital paulista.

Com quatro módulos de 30 vagas cada um, o prédio tem servido, segundo a Febem, como modelo de arquitetura e segurança para todas as unidades em construção de São José dos Campos e de Ribeirão Preto. Trata-se de uma unidade de alta segurança, com muros de sete metros de altura, o que contraria o ECA.

Mesmo assim, passados três meses da inauguração, a unidade já registrou sua primeira rebelião, com 60 menores, em novembro último. O tumulto - que durou cerca de uma hora - teria começado após uma tentativa de fuga frustrada. Os internos incendiaram colchões e fizeram dois funcionários reféns, mas não houve feridos. A Febem de Vila Maria, módulo 3, tem capacidade para abrigar 96 meninos, mas atualmente estão recolhidos no local 110 jovens. Dias antes do motim, a Febem afastava um dos diretores da unidade.

Este modelo de nova unidade, considerado o ideal para o governo do Estado, não é o defendido por entidades ligadas aos direitos humanos e previsto no ECA. Para o advogado Ariel de Castro Alves, as novas unidades devem ser construídas fora da capital - obedecendo ao projeto de descentralização - e poderiam ter por base a estrutura do Núcleo de Atendimento Integrado (NAI), que funciona em São Carlos, ou dos internatos.

O NAI de São Carlos é referência nacional de serviço eficaz e educativo. Gerenciado pela própria comunidade e contando com recursos da iniciativa privada, o núcleo tem conseguido evitar que jovens do município sejam internados na capital e contribuam para o inchaço dos grandes complexos. Além das medidas em meio aberto, como a liberdade assistida, o NAI também dispõe de uma chácara, administrada pela entidade Salesianos, para a execução da medida de semiliberdade em meio fechado. No local, jovens autores de crimes como homicídios e roubos que poderiam estar na capital desenvolvem atividades como artesanato e oficinas pedagógicas.

### **Leia também**

- > **Febem tortura Estatuto da Criança e do Adolescente**
- > **Estado se mostra ausente para a solução dos problemas**



Direitos Humanos

28/1/2004  
ADOLESCENTES

## ONGs tentam interdição da Febem Tatuapé

Ação proposta em dezembro recebeu nesta quarta-feira (28), das mãos do ex-ministro da Justiça Miguel Reale Jr, pedido de apreciação urgente. Se julgamento for favorável, a unidade 5 do complexo Tatuapé pode ser interditada devido às péssimas condições de higiene e segurança.

BIA BARBOSA – 28/1/2004 28/01/2004

**São Paulo** – O ex-ministro da Justiça Miguel Reale Jr solicitou nesta quarta-feira (28) ao juiz da 12ª Vara da Fazenda Pública de São Paulo a apreciação urgente da ação civil pública que pede a interdição da unidade 5 do complexo Tatuapé da Febem (Fundação para o Bem Estar do Menor). A ação foi proposta em dezembro do ano passado pela Amar, a Associação de Mães e Amigos de Crianças e Adolescentes em Risco, e pela organização Conectas Direitos Humanos, com base nos laudos emitidos pela Vigilância Sanitária e pelo Corpo de Bombeiros em junho, após a morte de um menor em condições não esclarecidas pela direção da Febem.

Os laudos apontavam falta de higiene e segurança e recomendavam reformas imediatas na unidade, que até hoje não foram feitas, ou sua interdição. Na semana passada (dia 22), uma comissão de entidades defensoras dos direitos humanos visitou o complexo Tatuapé e comprovou que as irregularidades persistem. Além de extintores de incêndio vencidos, a comissão encontrou menores machucados, há dias sem banho e com doenças de pele, incluindo sarna.

“Decidimos fazer a visita depois de uma série de denúncias feitas pelas mães dos menores recém-transferidos para Tatuapé depois do fechamento do complexo de Franco da Rocha”, conta Eloísa Machado, da Conectas. “Constatamos vários casos de agressão e houve pressão dos funcionários para impedir os adolescentes de falarem de forma liberada. Na unidade 12, os internos só podem sair para o pátio por uma hora por dia”, completa.

Além da Conectas, representantes dos conselhos tutelares, do Movimento Nacional de Direitos Humanos, do Ilanud (Instituto Latino-americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e o Tratamento do Delinqüente), dos parlamentares e de outras entidades da sociedade civil fizeram parte da visita. No dia 21, o presidente da Febem, Paulo Sérgio de Oliveira Costa, proibiu a entrada da comissão no complexo Tatuapé. Mas a juíza-corregedora Mônica Paukoski, da Vara da Infância e da Juventude de São Paulo, derrubou a proibição.

A unidade Franco da Rocha da Febem foi fechada em dezembro de 2003, e os detidos foram removidos para o centro de Tatuapé, junto com os mesmos monitores acusados de maltratá-los. Segundo relatos das entidades de direitos humanos, os presos transferidos de Franco da Rocha foram espancados com paus e barras de ferro pelos monitores e pelo menos 60 se queixaram de torturas sofridas nas unidades 5 e 12.

Eles eram obrigados a se sentar voltados para a parede o dia inteiro e a permanecer em silêncio. Também eram proibidos de deixar as celas para ir ao banheiro e espancados se molhassem as roupas. Segundo um comunicado da Anistia Internacional, dois adolescentes da unidade 12 teriam sido ameaçados de espancamento até a morte caso se queixassem dos abusos. A Anistia também acusa as autoridades de negligência na investigação e punição dos atos de tortura e maus-tratos contra os internos.

Por isso o pedido de apreciação urgente da liminar, que espera julgamento desde 11 de dezembro. Para o advogado Miguel Reale Jr, ex-ministro da Justiça e presidente do Instituto Pro-Bono, o juiz se sensibilizou com a questão e o resultado da ação pode sair em 48 horas. "Depois do relato da visita e com a representatividade das entidades que foram até o complexo Tatuapé, o juiz viu a gravidade da questão", acredita Reale. "A minha presença na entrega da petição indica que o fato é grave, senão eu não iria. Propusemos inclusive que ele faça uma visita às unidades", disse.

As entidades que propuseram a ação esperam agora a decisão da Justiça. Se for favorável, elas pretendem entrar com outras ações contra as demais unidades da Febem que funcionam em condições semelhantes.

### **Pressão política**

Também nesta quarta-feira (28), militantes de 18 organizações – entre elas a Comissão de Direitos Humanos da OAB-SP, a Fundação Abrinq e o Unicef – realizaram uma manifestação em frente à Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, responsável pela administração da Febem. Com faixas, velas e caixões, cerca de 50 pessoas fizeram um protesto de luto pela morte de dois internos durante uma rebelião depois de uma tentativa de fuga na unidade 3 da Vila Maria, na zona Norte de São Paulo, no dia 22 de janeiro. A Polícia Militar e os monitores negam que tenham atirado contra os menores, e agora a Corregedoria da Polícia apura de onde teriam saído os tiros.

Outro menor foi morto à bala no dia 20 de dezembro, em circunstâncias parecidas. Pelo menos 10 adolescentes morreram nas unidades da Febem em 2003. As entidades que realizaram o protesto desta quarta-feira esperam agora uma audiência com o secretário estadual de Educação, Gabriel Chalita.

### **DOSSIÊ FEBEM**

[Clique aqui para ler](#)

Aulas de Inglês Online  
14 dias Grátis  
Headset Grátis

english town.com  
Talk to the world

Teste  
Agora

## FOLHAONLINE

---

08/11/2002 - 12h55

# Polícia Civil "grampeou" acusados de assassinar casal Richthofen

LÍVIA MARRA  
da Folha Online

As investigações sobre o assassinato do casal Manfred Albert von Richthofen, 49, diretor da Dersa, e de sua mulher, a psiquiatra Marísia von Richthofen, 50, contaram também com grampos telefônicos. O teor das escutas não foi divulgado.

O DHPP (Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa) anunciou hoje ter solucionado o crime. Conforme a polícia, Suzane, 19, filha do casal morto, seu namorado Daniel Cravinhos de Paula e Silva, 21, e o irmão dele, Cristian, 26, teriam confessado ter planejado e executado o assassinato.

A motivação foi a repreensão dos pais ao namoro de Suzane e Daniel, e a herança deixada pelo casal, conforme a polícia e com base nos depoimentos dos três acusados.

Manfred e Marísia foram assassinados com pancadas na cabeça. O material usado teriam sido bastões de ferro revestidos com madeira, confeccionados para o crime.

Segundo depoimento dos três acusados, os bastões foram abandonados na região do Ibirapuera após o crime.

A reportagem apurou que desde o crime, em 31 de outubro, os dois já eram apontados como suspeitos de envolvimento. Escutas telefônicas foram realizadas, mas não divulgadas anteriormente para não atrapalhar as investigações.

No sábado (2), delegados do DHPP e policiais que investigavam o caso estiveram reunidos, conforme antecipou a **Folha Online**. Eles estariam discutindo o conteúdo das gravações.

A polícia afirma que Daniel e Cristian assassinaram o casal. Suzane também estava na casa no momento do crime e teria demonstrado arrependimento enquanto os irmãos matavam seus pais.

### Investigação

Para desvendar o crime, a polícia investigou as pessoas próximas ao casal Von Richthofen e utilizou grampos telefônicos.

Uma das suspeitas que levou à prisão dos acusados foi levantada por policiais do 27º Distrito Policial (Campo Belo). Eles avistaram uma moto Suzuki na casa de Astrogildo Cravilhos de Paula e Silva, pai de Daniel e Cristian, e, desconfiaram fizeram um "levantamento" da placa e chegaram até a loja onde o veículo havia sido comprado.

Os policiais descobriram que Cristian, que trabalha como mecânico, comprou a moto cerca de dez horas depois do crime. A compra teria sido feita por um "laranja".

Para o pagamento da moto, foram dados US\$ 3.600 \_usando 36 notas de US\$ 100\_ e uma moto usada. As suspeitas eram de que os dólares teriam sido retirados da residência do casal assassinado.

Além disso, Cristian também caiu em contradição quando prestava depoimento: disse que na noite das mortes estava acompanhado de uma garota, mas a moça negou a versão à polícia.

O rapaz teria confessado todo o caso durante a madrugada desta sexta-feira. O depoimento levou às prisões de Daniel e Suzane, que também acabaram admitindo participação no crime.

### **Crime**

Os corpos do casal Richthofen foram encontrados na madrugada de 31 de outubro. Eles foram mortos na mansão onde viviam, na rua Zacarias de Góis, Brooklin.

O casal foi assassinado com pancadas na região da cabeça. Os corpos do engenheiro Manfred, naturalizado brasileiro e diretor da Dersa, e da mulher, a psiquiatra Marísia, foram encontrados na cama.

O engenheiro tinha uma toalha branca no rosto. Marísia estava com um saco plástico na cabeça. Um revólver calibre 38, do engenheiro, foi encontrado ao lado da cama. Conforme a polícia, a arma não foi usada.

A casa não tinha sinais de arrombamento e o alarme e sistema interno de televisão estavam desligados, o que levou a polícia a investigar a hipótese de o crime ter sido cometido por pessoas próximas às vítimas.

A cena do crime foi montada. Os corpos estavam na cama e um revólver do engenheiro estava no chão, mas, segundo a polícia não foi usado.

Os acusados disseram à polícia que entraram na casa por volta da meia-noite, quando o casal dormia. Suzane acendeu a luz do corredor para facilitar o acesso dos irmãos, que surpreenderam Manfred e Marísia. Eles tentaram se defender, mas logo foram assassinados.

Os acusados disseram à polícia que entraram na casa por volta da meia-noite, quando o casal dormia. Suzane acendeu a luz do corredor para facilitar o acesso dos irmãos, que surpreenderam Manfred e Marísia. Eles tentaram se defender, mas logo foram assassinados.

Suzane disse à polícia, no dia do crime, que havia saído com o namorado e com o irmão na noite de 30 de outubro. Deixaram Andreas em um cibercafé e foram a um motel. Na volta, disse que encontrou as portas abertas e as luzes acesas.

Na ocasião, informou aos policiais do 27º Distrito Policial o desaparecimento de R\$ 8.000 e US\$ 5.000.

Durante novos depoimentos feitos ao DHPP, os policiais perceberam contradições entre as falas de Suzane, do irmão e do namorado.

Leia mais:

- **Acusada de planejar assassinato dos pais estudava direito em SP**
  - **Polícia Civil "grampeou" acusados de assassinar casal Richthofen**
  - **Acusados de assassinar casal usaram drogas, diz polícia**
  - **Filha diz que planejou morte dos pais "por amor" ao namorado**
  - **Engenheiro assassinado no Brooklin era quieto e tinha perfil técnico**
  - **Filha confessa participação em assassinato dos pais, diz polícia**
  - **Uso de dólar em compra de moto levou polícia à investigação**
- 

**Endereço da página:**

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u62501.shtm>

---

Copyright Folha Online. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha Online.



SUBSÍDIOS DE JORNALISMO

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS

AGÊNCIA DE PESQUISA

VERSÃO  
PARA IMPRESSÃO

agora com foto

## Defesa de Suzane Richthofen pede que ela aguarde em liberdade

**São Paulo** - A defesa de Suzane Louise Von Richthofen, acusada de mandar matar os próprios pais, Manfred Alfred e Marisa Von Richthofen, em 31 de outubro de 2002, pediu que seja concedido a ela o benefício de aguardar em liberdade o julgamento pelo júri popular. O advogado Antônio Cláudio Mariz de Oliveira impetrou nesta quarta-feira habeas corpus no Tribunal de Justiça (TJ), sem pedido de liminar.

O habeas corpus será julgado por três desembargadores da 5ª Câmara Criminal. O TJ sistematicamente nega liberdade provisória aos acusados de crimes hediondos. Ainda não há data prevista para que os três acusados sejam levados a júri.

Mariz alega que Suzane é primária, tem bons antecedentes e que em liberdade não representará perigo à ordem pública e nem criará obstáculos à aplicação da lei penal. Também poderá cuidar da avó de 85 anos que se propõe acolhê-la em sua casa.

Suzane abriu as portas de sua casa para que Daniel Cravinhos de Paula e Silva, seu ex-namorado, e o irmão dele, Cristian Cravinhos de Paula e Silva, assassinassem os pais dela a pauladas e por asfixia enquanto dormiam.

**Thelio Magalhães**

<http://www.estadao.com.br/agestado/noticias/2004/nov/03/118.htm>

› **conheça a Agência Estado e seus produtos**  
› cadastro › fale conosco › anuncie aqui

› **privacidade**  
Copyright © 2004 Agência Estado. Todos os direitos reservados.

---

**Rapazes que queimaram Galdino pegam 14 anos de prisão**

10/11 10h28

Depois de quatro dias e mais de 60 horas de julgamento, os quatro rapazes que colocaram fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos foram condenados nesta madrugada, por 5 votos a 2, por homicídio doloso (com intenção de matar).

Max Rogério Alves, Eron de Oliveira, Antônio Novély Vilanova, todos de 23 anos, e Tomás de Almeida, de 22, foram condenados a 14 anos de prisão em regime fechado.

Para ouvir a sentença, eles deram as mãos. Logo depois, baixaram a cabeça e choraram. Parentes dos réus também não contiveram as lágrimas.

Os índios pataxó aplaudiram e dançaram do lado de fora do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios.

Os jurados decidiram também, por seis a um no caso de Max e por unanimidade no caso dos demais acusados, que houve a qualificação do crime. Para eles, os jovens agiram com crueldade, sem dar possibilidade de defesa à vítima e com o motivo torpe de se divertir ao ver uma pessoa ser queimada viva.

Na prática, os 14 anos de prisão podem se transformar em apenas mais três anos de reclusão em regime fechado.

Isso porque, depois de cumprir dois terços da pena, os internos podem recorrer ao regime semi-aberto.

Como já cumpriram quatro anos e sete meses, faltariam aos rapazes mais quatro anos e meio.

Só que eles trabalham no presídio há quase quatro anos, e cada três dias de trabalho significa um a menos de pena. Assim, o total que eles devem cumprir fica perto de três anos.

Liberdade condicional

**Assassino de Galdino sai da prisão nesta terça-feira**Ana Clara Jabur  
Do CorreioWeb

3/12/2004

O segundo condenado pela morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos deve deixar o Complexo Penitenciário da Papuda nesta terça-feira. Eron Alves Oliveira, 27 anos, conseguiu o direito de liberdade condicional depois de cumprir dois terços da condenação de 14 anos de regime integralmente fechado, por homicídio qualificado.

O primeiro a ser beneficiado foi Tomás Oliveira de Almeida, 26 anos, que está em liberdade há três semanas. Os outros dois condenados pelo crime, Antônio Novely Cardoso de Vilanova e Max Rogêno Alves, também entraram com o pedido de liberdade condicional e aguardam um parecer do Conselho Penitenciário e do Ministério Público. Além de terem cumprido dois terços da pena, os condenados precisam preencher requisitos como bom comportamento e atividades cumpridas na cadeia.

O julgamento do grupo de jovens que matou o índio Galdino dos Santos aconteceu em novembro de 2001. Galdino foi queimado vivo em 20 de abril de 1997. Os quatro jovens jogaram álcool no corpo da Pataxó enquanto ele dormia na parada de ônibus da 704 Sul, em Brasília. Ele morreu no dia seguinte ao crime com 95% do corpo queimado.

**Comportamento**

O livramento condicional dos dois condenados foi conseguido após pouco mais de um ano de denúncia de abusos publicada pelos jornais Correio Braziliense e Estado de Minas. Uma série de reportagens mostrou que Eron, Max e Novely desrespeitaram a autorização judicial que permitia a saída temporária da prisão para o cumprimento de atividades externas.

Os três aproveitavam os intervalos das obrigações de trabalho e de faculdade para tomar cerveja, namorar, encontrar amigos e passear. O juiz da Vara de Execuções Criminais Almar Neres de Matos proibiu provisoriamente as saídas dos rapazes por entender que as condições impostas aos três condenados foram descumpridas. Tomás não teve sua rotina acompanhada pela reportagem. Os dois condenados recuperaram os benefícios em março deste ano.

 SUGESTÕES ENVIAR PARA UM AMIGO IMPRIMIR VOLTA